

Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade

MULHER NA ECONOMIA SOLIDÁRIA: REFLEXÕES SOBRE
SUA PARTICIPAÇÃO

Daniela Aparecida Castro de Oliveira

São Carlos – SP

2023

Daniela Aparecida Castro de Oliveira

MULHER NA ECONOMIA SOLIDÁRIA: REFLEXÕES SOBRE
SUA PARTICIPAÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade, do Centro de Educação e Ciências Humanas, da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ciência, Tecnologia e Sociedade.

Orientador(a): Prof(a) Dr(a) Maria Zanin

São Carlos – SP
2023

DANIELA APARECIDA CASTRO DE OLIVEIRA

MULHER NA ECONOMIA SOLIDÁRIA: REFLEXÕES SOBRE
SUA PARTICIPAÇÃO

Banca Examinadora:

Orientador: Dra. Maria Zanin

PPGCTS/UFSCar – São Carlos

Membro Titular: Dr. Cidoval Moraes de Souza

Decom/UEPb e PPGCTS/UFSCAR

Membro Titular: Dra. Leticia Dal Picolo Dal Secco de Oliveira

PUC-MG (Poços de Calda – MG)

Data do exame: ____/____/____

Dedico esse trabalho exclusivamente aos meus queridos pais, que durante toda a vida me presenteou com esperanças e sentimentos de gratidão. A eles toda a minha vitória e felicidade pela concretização de mais um passo em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e à minha família, meu pai Dário Castro de Oliveira, minha mãe Joana Gonçalves de Oliveira, meus irmãos Renato Jesus Castro de Oliveira e Juliana Aparecida de Oliveira, e por sempre terem apoiado meus estudos. Com certeza eles me ensinaram a fazer a diferença no mundo.

Agradeço ao apoio das minhas amigas: Daniele Giacomelli, Andréia, Silvana, Fernanda e Teia pela parceria de todos esse tempo de trabalho.

Agradeço a todas as pessoas que conheci durante as aulas do mestrado. As conversas e debates informais ou em aula foram de extrema importância para uma ampliação de conhecimento.

Aos professores, agradeço por todo aprendizado e pela abertura para construção de uma relação professor-aluno mais próxima e rica. Acredito que a melhoria dessa relação na universidade é fundamental para o desenvolvimento do aluno.

Agradeço à minha orientadora Maria Zanin, que com toda sua paciência e conhecimento me orientou com toda excelência na construção deste trabalho.

“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.”

Paulo Freire - Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

Oliveira, D. A. C. (2023). *Mulher na Economia Solidária: Reflexões sobre sua participação, São Carlos*, (Tese de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em- Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil. 76 p.

RESUMO

A presente Dissertação procurou ampliar a compreensão acerca das dificuldades e barreiras enfrentadas pelas mulheres em busca de empoderamento econômico, conscientização de igualdade de gênero, sustentabilidade e também os percalços para a liderança feminina, onde a participação da mulher na economia solidária representa um avanço no contexto socioeconômico contemporâneo, emergindo como um fenômeno importante, suscitando reflexões sobre seu papel transformador, onde não apenas desafiam estereótipos tradicionais, mas também desempenham um papel fundamental na promoção de dinâmicas econômicas mais inclusivas e socialmente conscientes. O objetivo principal deste estudo foi analisar a influência da participação feminina na economia solidária, conhecendo como as mulheres contribuem para a construção de modelos econômicos mais equitativos e sustentáveis. Para tanto, este estudo teve como condução uma revisão bibliográfica abrangente, demonstrando padrões de contribuições, desafios enfrentados e impactos positivos, fornecendo compreensão acerca do papel transformador das mulheres nesse domínio e apontando para áreas potenciais de aprimoramento e fortalecimento.

Palavras-chave: Economia Solidária. Desenvolvimento econômico. Sustentabilidade, Igualdade de gênero.

Oliveira, D. A. C. (2023). *Mulher na Economia Solidária: Reflexões sobre sua participação, São Carlos*, (Tese de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em- Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil. 76 p.

ABSTRACT

This Dissertation sought to broaden the understanding of the difficulties and barriers faced by women in search of economic empowerment, awareness of gender equality, sustainability and also the obstacles to female leadership, where women's participation in the solidarity economy represents an advance in the context contemporary socioeconomic, emerging as an important phenomenon, raising reflections on its transformative role, where it not only challenges traditional stereotypes, but also plays a fundamental role in promoting more inclusive and socially conscious economic dynamics. The main objective of this study was to analyze the influence of female participation in the solidarity economy, understanding how women contribute to the construction of more equitable and sustainable economic models. To this end, this study conducted a comprehensive literature review, demonstrating patterns of contributions, challenges faced and positive impacts, providing understanding about the transformative role of women in this domain and pointing to potential areas for improvement and strengthening.

Keywords: Solidarity Economy. Economic development. Sustainability, Gender equality.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Resultado do levantamento da literatura em bases de dados entre os anos de 2016 a 2022.....	56
Quadro 2 - Resultado geral das publicações pré-selecionadas na estratégia inicial.....	57
Quadro 3 - Descrição das publicações selecionadas a partir do Quadro 2.....	60

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas

ANTEAG - Associação de Empresas Recuperadas

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CTS - Ciência, Tecnologia e Sociedade

DIEESE - Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos

EcoSoL – Economia Solidária

EES - Empreendimento econômico solidário

ENSP - Escola Nacional de Saúde Pública

ESCT – Estudo Social da Ciência e da Tecnologia

FIOCRUZ - Fundação Oswaldo Cruz

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

IPEA - Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas

IPECS - Instituto de Psicologia, Educação, Comportamento e Saúde

PPGCTS - Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade

SENAES - Secretaria Nacional de Economia Solidária

SIES - Sistema Nacional de Informações em Economia Solidária

UFSCar - Universidade Federal de São Carlos

UNISOL - União e Solidariedade das Cooperativas e Empreendimentos de Economia Social

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Princípios e orientações para organizações de Economia Solidária.....	25
Tabela 2: Possibilidades, Desafios e Transformações Sociais decorrentes da Economia Solidária.....	35

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Economia Solidária.....	24
Figura 2: Formas de Economia Solidária.....	27
Figura 3: Participação feminina no Mercado de Trabalho.....	36
Figura 4: Grupos Femininos.....	39
Figura 5: Sustentabilidade e Educação.....	48

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	14
1 INTRODUÇÃO.....	16
2 OBJETIVOS.....	22
2.1 Objetivo Geral.....	22
2.2 Objetivos Específicos.....	22
3 REVISÃO DE LITERATURA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	23
3.1 Economia Solidária no Brasil.....	23
3.2 A Mulher e sua Iniciação ao Mercado de Trabalho.....	33
3.2.1 Mulheres na Economia Solidária.....	38
3.2.2 Mulheres na Construção de Sociedades Inclusivas na Economia Solidária.....	47
3.2.3 Mulheres, Economia e Transformação Social.....	49
3.2.4 A relação dos Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia e Economia Solidária.....	54
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	56
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
REFERÊNCIAS.....	74

APRESENTAÇÃO

1 INTRODUÇÃO

A Economia Solidária no Brasil é um fenômeno que ganhou relevância nas últimas décadas, representando uma abordagem alternativa e inclusiva para o desenvolvimento econômico e social. Em um país marcado por desigualdades persistentes, a Economia Solidária surge como uma resposta concreta aos desafios enfrentados por comunidades marginalizadas, desempregados, pequenos agricultores, artesãos e muitos outros grupos. Baseada em princípios de cooperação, autogestão e solidariedade, essa abordagem busca criar oportunidades de trabalho e renda, promovendo a inclusão e a dignidade econômica para aqueles que muitas vezes são excluídos do sistema econômico convencional. Este movimento tem crescido no país, influenciando políticas públicas e transformando comunidades locais, tornando-se uma força motriz na construção de uma economia mais justa e sustentável no Brasil (SCHWENCK, 2018).

Segundo Schwenck (2018), nos últimos anos, a economia solidária tem emergido como um modelo econômico alternativo que prioriza a cooperação, a autogestão e a solidariedade em contraste com as estruturas tradicionais do mercado, onde esse modelo oferece a promessa de um desenvolvimento econômico mais equitativo e sustentável.

No entanto, mesmo em meio a essa visão promissora, persistem as desigualdades de gênero que desafiam a realização de seu potencial transformador, de modo que a introdução da mulher no mercado de trabalho, sua contribuição na Economia Solidária, luta contra desigualdades de Gênero na Economia Solidária e ainda colaborando com uma sociedade mais sustentável é central nesta discussão e aponta para uma necessidade premente de análise aprofundada.

Ao considerar o papel das mulheres nesse contexto econômico emergente, procura-se contribuir para um entendimento mais completo do potencial da economia solidária e suas implicações para a justiça social, o empoderamento das mulheres e a construção de sociedades mais equitativas e inclusivas.

Portanto, compreender como a economia solidária pode se tornar um veículo para a igualdade de gênero é essencial não apenas para o empoderamento das mulheres, mas também para o desenvolvimento sustentável e a construção de sociedades mais justas e inclusivas, onde o potencial de cada indivíduo é valorizado independentemente do gênero. Ao fortalecer as iniciativas de economia solidária com uma perspectiva de igualdade de gênero, não apenas se promove a equidade, mas também se cria um ambiente propício para a inovação e a colaboração (SILVA, 2018).

Segundo Ribeiro (2016), as mulheres desempenham um papel importante em todos os aspectos da atividade econômica, desde o trabalho doméstico e de cuidados não remunerados até a liderança em empresas e organizações, bem como o empreendedorismo. Além disso, as mulheres têm demonstrado sua capacidade de inovação e resiliência em diversas áreas econômicas, contribuindo significativamente para o crescimento e desenvolvimento de nações.

No entanto, é essencial reconhecer que as mulheres frequentemente enfrentam desigualdades de gênero persistentes, como disparidades salariais, falta de acesso a oportunidades de liderança e equilíbrio entre trabalho e vida pessoal. Portanto, a promoção da igualdade de gênero e a eliminação de barreiras que limitam o potencial econômico das mulheres são importantes para alcançar uma economia mais justa e inclusiva.

Diante do exposto, a economia solidária representa uma abordagem econômica que se baseia na colaboração, na autogestão e no fortalecimento das comunidades locais, onde à medida que ganha destaque, a inclusão das mulheres torna-se uma questão crucial. Embora as mulheres desempenhem um papel significativo na economia solidária, sua participação ainda é limitada por desafios como a desigualdade de acesso a recursos, estereótipos de gênero e desafios de conciliação entre trabalho e família (TEIXEIRA, 2016).

Segundo Teixeira (2016), a introdução da mulher na Economia Solidária representa um avanço significativo e transformador. Historicamente, as mulheres desempenharam papéis fundamentais em atividades econômicas informais e familiares, muitas vezes invisíveis e desvalorizadas. No entanto, a Economia Solidária oferece um espaço onde as mulheres podem se destacar, participar ativamente e liderar empreendimentos coletivos, cooperativas, grupos de produção e redes de solidariedade.

Isso não apenas promove a autonomia financeira das mulheres, mas também reconhece seu potencial como agentes de mudança social e econômica, contribuindo para a construção de uma sociedade mais equitativa e inclusiva. A presença crescente das mulheres na Economia Solidária não apenas fortalece esse movimento, mas também reforça a importância da igualdade de gênero na busca por uma economia justa e sustentável (TEIXEIRA, 2016).

Desse modo, de acordo com Schwenck (2018), as mulheres também trazem perspectivas únicas, habilidades e um forte compromisso com a justiça social e a sustentabilidade, de modo que a dissertação visa compreender a influência da participação

feminina na economia solidária, conhecendo como contribuem para a construção de modelos econômicos mais equitativos e sustentáveis. À medida que se explora esse tema, buscamos fornecer insights que possam informar políticas e práticas mais eficazes para promover a igualdade de gênero e empoderar as mulheres na economia solidária.

O papel da mulher na economia, marcado por suas diversas contribuições e desafios enfrentados, reflete a importância de promover a igualdade de gênero e empoderar as mulheres em todos os setores, onde reconhecer e valorizar o trabalho das mulheres, bem como garantir oportunidades equitativas, não é apenas um princípio de justiça social, mas também uma estratégia fundamental para o crescimento econômico sustentável (CLEPS; MARQUES; VASCONCELOS, 2020).

Assim, é importante explorar a evolução do papel das mulheres na economia, os obstáculos que ainda persistem e as maneiras de promover uma participação igualitária e significativa das mulheres no mundo econômico, visando à construção de sociedades mais justas e prósperas.

Neste contexto, busca-se compreender a influência da participação da mulher na economia solidária, conhecendo como as mulheres contribuem para a construção de modelos econômicos mais equitativos e sustentáveis nesse setor econômico em crescimento, sendo realizado um levantamento da literatura acadêmico-científica, a fim de vislumbrar um panorama da produção de conhecimento acerca do protagonismo feminino frente aos empreendimentos solidários.

A dissertação oferece uma oportunidade para investigar a introdução da mulher no mercado de trabalho, como as desigualdades de gênero persistem ou são superadas no âmbito da economia solidária, contribuindo para a promoção da igualdade de gênero. Além disso, a pesquisa fornece conhecimentos valiosos que podem orientar políticas públicas, programas de empoderamento das mulheres e práticas inovadoras em empreendimentos solidários, destacando uma contribuição para toda a temática abordada, gerando compreensão e promoção para o avanço do conhecimento científico no campo da economia solidária.

Para desenvolver esse trabalho, o método empregado foi uma revisão narrativa da literatura, que se classifica como qualitativa e exploratória, onde a pesquisa por sua vez transcende o âmbito acadêmico, tendo implicações práticas significativas para a promoção de políticas e práticas sociais que beneficiem tanto as mulheres quanto a sociedade como um todo, sendo realizada posteriormente uma triagem por meio da leitura dos títulos, resumos, palavras-chaves, introdução e considerações finais dos trabalhos no

idioma português para, assim, sistematizar o escopo pertinente aos objetivos e metodologia da pesquisa.

Assim, a pesquisa de abordagem qualitativa possibilita a compreensão e interpretação das informações e dos acontecimentos, e o pesquisador é ator fundamental neste processo, onde busca entender significados e descrever fatos e ações. Neste sentido, esta abordagem foi importante no decorrer da pesquisa para tentar compreender algumas variáveis que fazem parte das relações entre poder público municipal e cooperativas de catadores(as) nos casos estudados.

Para Gil (1996), as revisões bibliográficas de natureza qualitativa não são passíveis de serem utilizados para generalizar determinada população, mas podem ser adequados ao se estudar casos específicos, pois auxilia no entendimento de como e por que certos fenômenos acontecem.

Para tanto, o presente estudo foi realizado por meio de pesquisas bibliográficas narrativas, de modo a contextualizar o tema, onde em seus capítulos e subcapítulos foram explanados a importância do Papel da mulher em diferentes âmbitos da história e dentro Economia Solidária. Assim, a presente a pesquisa bibliográfica desempenha um papel fundamental na elaboração de um estudo, ela consiste na revisão e análise crítica da literatura existente sobre o tema de pesquisa, permitindo que o autor da escrita construa uma base sólida de conhecimento, fundamentando seus argumentos e contribuições, conduzindo o estudo de forma eficaz (MARCONI e LAKATOS, 2003).

Ainda segundo as autoras, a pesquisa bibliográfica fornece a base teórica para o estudo e análises, permitindo ao autor compreender as teorias, conceitos e debates existentes relacionados ao seu tópico. Isso ajuda a construir uma estrutura sólida para o trabalho, demonstrando a compreensão do contexto e da relevância do tema.

Entretanto, a busca apresentou mediante consulta em Bases de Dados como Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e também Portal de Periódicos da CAPES, como “Economia Solidária, Desenvolvimento econômico, Sustentabilidade e Igualdade de gênero”, em diferentes idiomas, alguns repetidos e não relacionados ao objeto de pesquisa, além disso é importante também mencionar a dificuldade em identificar, nos resumos, os trabalhos restritos ao universo feminino devido ao uso da linguagem nos moldes androcêntricos, isto é, com o emprego apenas do sexo masculino em referência a ambos os sexos ou mesmo ao sexo feminino.

Devido a isto, foi realizada após critérios de seleção e exclusão, uma triagem por meio da leitura dos títulos, resumos, palavras-chaves, introdução e considerações finais

dos trabalhos no idioma português para, assim, sistematizar o escopo pertinente aos objetivos e metodologia da pesquisa.

Após o levantamento dos trabalhos acadêmicos nas bases de dados, obtendo-se um total de 318 publicações científicas, partiu-se para a pré-seleção dos trabalhos acadêmicos, identificando um total de 34 fontes, sendo 10 artigos e 24 dissertações e teses.

Com isso, o levantamento da literatura, composto inicialmente por 318 publicações, foi reduzido a 17 trabalhos acadêmicos que foram compilados e sistematizados no software Microsoft Office Excel® e estão detalhados no início do capítulo de resultados de pesquisa.

Logo, para finalizar a pesquisa trará um capítulo de Resultados e Considerações Finais, trazendo as análises, reflexões e conclusões que a presente pesquisa permitiram a se realizar ao longo dos estudos feitos. Para tanto, essa revisão de literatura e fundamentação teórica proporciona uma compreensão abrangente do papel das mulheres na economia solidária e sua influência na construção de sociedades mais inclusivas e igualitárias. Ao conectar esses elementos, esta dissertação busca oferecer achados valiosos para a compreensão e promoção da participação feminina nesse contexto específico.

Desse modo, para a contextualização da pesquisa em seu primeiro capítulo será tratado sobre economia solidária no contexto brasileiro representa uma abordagem alternativa ao modelo econômico tradicional, destacando a cooperação, a autogestão e a justiça social. A literatura revisada destaca como a economia solidária surge como resposta aos desafios socioeconômicos, promovendo a inclusão e a redistribuição de recursos.

Em seguida no subtítulo A Mulher e Sua Iniciação no Mercado de Trabalho, será examinado a trajetória das mulheres no mercado de trabalho, destacando desigualdades históricas e os obstáculos enfrentados. A literatura revisada enfatiza a importância de analisar as experiências específicas das mulheres na economia solidária como uma forma de superar barreiras de gênero.

Já no próximo subtítulo, a revisão de literatura neste capítulo explora como a participação das mulheres na economia solidária pode contribuir para a promoção da igualdade de gênero. Destaca-se como essas iniciativas podem desafiar estereótipos de gênero, empoderar as mulheres e criar espaços mais equitativos, vindo em seguida a explanação sobre Mulheres na Economia Solidária, onde será analisado casos de

mulheres envolvidas em empreendimentos econômicos solidários, explorando suas contribuições, desafios e impactos nas comunidades. A literatura revisada destaca o potencial transformador da participação feminina nesse contexto.

No próximo subcapítulo sobre Espaço de Aprendizagens Coletivas na Economia Solidária, será destacada a importância dos espaços de aprendizagem coletiva na economia solidária, especialmente para as mulheres. Examina-se como esses espaços promovem o desenvolvimento de habilidades, a construção de redes de apoio e o fortalecimento de iniciativas solidárias lideradas por mulheres.

Em seguida o subtítulo Mulheres na Construção de Sociedades Inclusivas na Economia Solidária, concentra-se na contribuição das mulheres para a construção de sociedades mais inclusivas por meio de sua participação ativa na economia solidária. A literatura revisada destaca o impacto positivo das mulheres na criação de modelos econômicos mais justos e sustentáveis, seguido do título Mulheres, Economia e Transformação Social, que visa explorar o papel das mulheres na promoção da transformação social por meio de suas atividades na economia solidária.

Assim, a revisão de literatura destaca como a participação das mulheres não apenas impacta as dinâmicas econômicas, mas também contribui para mudanças sociais mais amplas, favorecendo a Economia Solidária e transformando o cenário atual em um de oportunidades.

Assim, a presente dissertação desponta como uma contribuição não somente para a produção e difusão do conhecimento, mas também para a realidade educacional, social e política local. Por fim, convém destacar o intuito desta dissertação em contribuir com a proposição de conhecimento baseado no campo da Ciência, Tecnologia e Sociedade que defende um aspecto científico-tecnológico sob a premissa da justiça e do desenvolvimento socioambiental.

Portanto, a pesquisa para a dissertação buscou lançar luz sobre questões mencionadas relacionadas as desigualdades de gênero, sustentabilidade e a importância do papel da Mulher na Economia Solidária, afim de analisar as barreiras e oportunidades que as mulheres enfrentam ao participar desse setor econômico, trazendo uma contextualização e problemática pertinente a um mundo em ascensão ao empoderamento feminino.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

O objetivo geral da pesquisa é compreender a influência da participação da mulher na Economia Solidária em diferentes âmbitos.

2.2 Objetivos Específicos

1. Analisar as barreiras que as mulheres enfrentam ao ingressar na economia solidária;
2. Identificar as oportunidades disponíveis para as mulheres na economia solidária em diferentes contextos, de forma a participarem efetivamente da sociedade;
3. Conhecer as contribuições da participação das mulheres na economia solidária na promoção da igualdade de gênero direcionadas a empreendimentos solidários;
4. Identificar contribuições da inclusão das mulheres na economia solidária para a sustentabilidade, empoderamento econômico, desenvolvimento local e liderança feminina.

3 REVISÃO DE LITERATURA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A revisão de literatura sobre o tema revela uma gama de evidências que indicam a presença persistente de desigualdades de gênero nesse contexto econômico. Estudos apontam que as mulheres muitas vezes enfrentam barreiras substanciais, como o acesso limitado a recursos financeiros e a discriminação de gênero, que as impedem de participar plenamente da economia solidária.

Além disso, questões relacionadas à conciliação entre trabalho e família também se destacam, uma vez que as mulheres frequentemente carregam responsabilidades de cuidados familiares, o que pode afetar sua capacidade de se envolver em empreendimentos solidários de maneira igualitária. No entanto, a literatura também ressalta o potencial transformador da participação das mulheres na economia solidária, que pode não apenas contribuir para a promoção da igualdade de gênero, mas também para o desenvolvimento sustentável, ao enfatizar princípios de responsabilidade social e produção responsável.

Este capítulo dialoga e contextualiza as temáticas abordadas na dissertação, destacando aspectos teóricos e práticos, históricos e sociais fundamentais à compreensão tanto do objeto de estudo quanto dos resultados da dissertação, de modo a tratar o assunto esclarecendo-o.

3.1 Economia Solidária no Brasil

A economia solidária representa um paradigma econômico e social baseado na cooperação, autogestão e solidariedade. Ao contrário dos modelos tradicionais, ela prioriza a equidade, promovendo a participação ativa de seus membros na tomada de decisões e na gestão de empreendimentos. Essa abordagem busca superar desigualdades ao valorizar o trabalho coletivo e a justa distribuição dos benefícios econômicos. A economia solidária engloba uma variedade de iniciativas, como cooperativas, associações e empreendimentos autogestionados, criando espaços onde os indivíduos colaboram para alcançar objetivos comuns. Além de proporcionar sustento econômico, a economia solidária também contribui para fortalecer comunidades, promover práticas sustentáveis e desafiar estruturas hierárquicas, destacando-se como uma alternativa viável e inclusiva em meio aos desafios contemporâneos, interligando a cultura, a sociedade e a economia brasileira, como ilustra a Figura 1.

Figura 1: Economia Solidária



Fonte: amazoniaemrede.blogspot.com

Os princípios da Economia Solidária surgiram na Inglaterra no século XIX quando no capitalismo industrial teve um crescimento acelerado e muitas empresas entraram em crise e declararam falência, uma vez que não estavam preparados para esse novo cenário, os trabalhadores se uniram em grupos e se organizaram em cooperativas, e assumiram muitas empresas, cujo objetivo era mantê-las produzindo e vendendo, partindo da condição de que tudo pertencia a todos, tendo como objetivo maior a manutenção dos postos de trabalho. Na verdade, o termo “Economia Solidária” já era empregado na América Latina e foi formalizado no Brasil, cujo modelo de trabalho chegou ao país no século XX, ficando mais forte a partir da década de 1980 (SINGER, 2002).

O movimento surgiu no Brasil, inicialmente para combater a miséria e o desemprego gerados pela crise do petróleo na década de 1970, e se transformou em um modelo de desenvolvimento que promove não só a inclusão social, como pode se tornar uma alternativa ao individualismo competitivo das sociedades capitalistas (SINGER, 2002).

Esse movimento foi uma forma significativa de gerar renda e acabou se tornando um modelo importantíssimo, tanto para girar a economia, quanto para sobrevivência dos associados, onde a Economia Solidária conhecida como um movimento econômico e

social que surgiu no Brasil como resultado de um longo processo de transformação e evolução.

Sua origem pode ser encontrada até a década de 1980, quando diversas influências, como a crise econômica, o desemprego em massa, as lutas sindicais e a busca por alternativas ao modelo econômico tradicional, contribuíram para seu surgimento, juntamente as suas ações e práticas, como princípios e orientações, como mostra a Tabela (COSTA e CARRION, 2011).

Tabela 1: Princípios e orientações para organizações de economia solidária

Princípios	Orientação
Cooperação	Existência de interesses e objetivos comuns a fim de trazer resultados positivos para todos os envolvidos.
Autogestão	Todos os participantes, de forma democrática, têm voz ativa em quaisquer decisões da organização.
Solidariedade	Deve existir em todas as dimensões da organização.
Valorização da diversidade	Não deve haver discriminação em relação à crença, ao gênero, à raça ou à orientação sexual.
Emancipação	A organização de economia solidária deve proporcionar algum tipo de emancipação para os indivíduos participantes
Justiça social	Deve-se haver a justa distribuição dos ganhos obtidos pela organização, eliminando qualquer tipo de desigualdade material para seus membros.
Ação econômica	A fim de servir de base para a agregação de esforços e recursos pessoais na criação de uma organização de economia solidária.

Fonte: Nota. Adaptada de “Economia Solidária: Outra Economia Acontece. Por Secretaria Nacional de Economia Solidária e Ministério do Trabalho e Emprego, 2006.

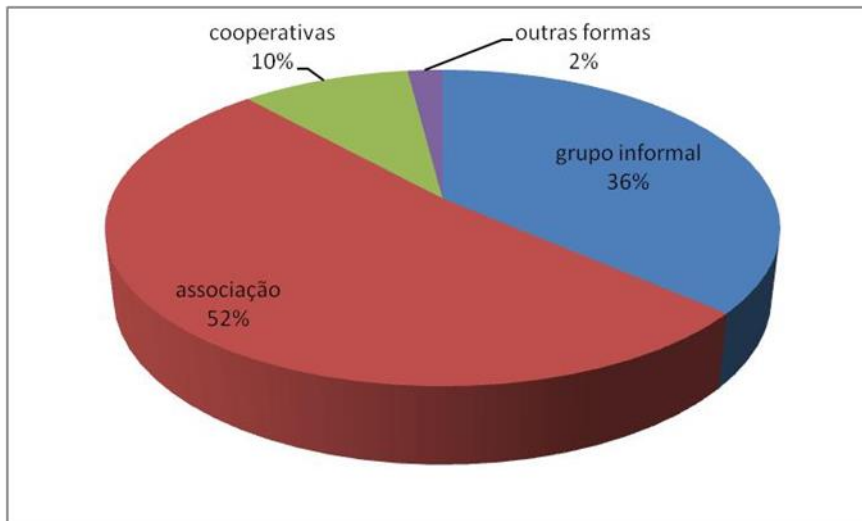
Nesse contexto, a Economia Solidária emergiu como uma resposta às crescentes desigualdades sociais e econômicas do país. Ela se baseia em princípios como a autogestão, a cooperação, a solidariedade e a produção de bens e serviços de forma coletiva. A ideia central é promover a inclusão social e econômica de grupos marginalizados, como trabalhadores informais, desempregados, cooperativas, pequenos agricultores e artesãos (SILVA, 2018).

Vale ressaltar que a Economia Solidária também foi influenciada por movimentos sociais e experiências internacionais, como a economia solidária da Europa, as cooperativas de Mondragón no País Basco e a economia popular na América Latina. Essas experiências demonstraram que alternativas econômicas baseadas na cooperação e na solidariedade podiam ser bem-sucedidas.

No Brasil, o governo desempenhou um papel importante no incentivo à Economia Solidária. Em 2003, com a criação da Secretaria Nacional de Economia Solidária (Senaes), houve um marco significativo no reconhecimento e na promoção desse setor. O governo passou a apoiar financeiramente projetos e empreendimentos ligados à Economia Solidária e a desenvolver políticas públicas específicas (SINGER, 2002).

Além disso, o autor acima relata que a Economia Solidária também se fortaleceu por meio de redes de cooperativas, associações, feiras de produtos solidários, ações de sensibilização da sociedade civil e outras formas. Essas iniciativas contribuíram para difundir os princípios e práticas da Economia Solidária em todo o país, como mostra a Figura 2.

Figura 2: Formação de Economia Solidária no Brasil



Fonte: www.ub.edu

De acordo com a figura 2, ao longo das décadas, a iniciativa à Economia Solidária cresceu e se diversificou no Brasil, onde Singer (2002), citou que foi se abrangendo setores como agricultura familiar, artesanato, reciclagem, comércio justo e muito mais. Ela se tornou uma alternativa importante para a geração de renda e o fortalecimento das

comunidades, proporcionando uma abordagem mais justa e inclusiva para as relações econômicas.

Assim, a Economia Solidária no Brasil emergiu como resposta aos desafios econômicos e sociais, incorporando influências nacionais e internacionais. Ela representa uma abordagem inovadora que busca promover a justiça social, a inclusão econômica e a sustentabilidade, e tem desempenhado um papel relevante na construção de uma economia mais equitativa no país (SINGER, 2002).

Ainda nos anos 1970 houve uma crise internacional resultado do choque do petróleo, e os países que não o produziam ficaram com dívidas enormes, tiveram que adquiri-lo a preços cinco vezes maiores do que pagavam anteriormente à crise (SINGER, 2002).

O Brasil foi um dos países que mais se endividou nessa época, o desemprego atingiu fortemente milhões de brasileiros e o país não estava preparado para passar por essa situação. Neste caso, a economia solidária foi uma alternativa paliativa para o sofrimento das pessoas quanto ao desemprego, fome e miséria.

Em se tratando do cenário dos anos de 1980, a igreja também teve um papel importantíssimo através da Caritas (um organismo da Igreja Católica que apoiava iniciativas populares de geração de trabalho e renda) que começou a organizar os desempregados para que voltassem a viver e a ganhar dinheiro, o que acabou sendo uma ideia inicial que fundamentou a economia solidária no Brasil (CULTI, 2004).

Todavia, paralelamente houve também a participação dos sindicatos e das universidades. Os sindicatos notaram que algumas empresas entrariam em falência e, diante disto, acreditaram que uma alternativa seria se os próprios trabalhadores arrendassem as empresas para tentar recuperá-las, a fim de resgatar tanto a empresa quanto seus empregos.

Foi aí que surgiram os primeiros modelos de fábricas sem patrões e logo em seguida a Associação de Empresas Recuperadas (ANTEAG), a partir da DIEESE (Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos). Iniciou-se, então, a Economia Solidária no Brasil com o apoio dos sindicatos aos trabalhadores para a formação de cooperativas de trabalho (SINGER, 2002).

Em se tratando de incubadoras em Economia Solidária, a primeira se formou no estado do Rio de Janeiro em meio a situação difícil de trabalhadores de uma comunidade, localizada ao redor do Instituto Oswaldo Cruz (Fiocruz), e junto existe a Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP). Os moradores da comunidade enfrentavam violência e

vulnerabilidade social, situação que prejudicava também o funcionamento da ENSP, mas alguns professores vislumbraram uma possibilidade de transformação social com o seguinte propósito: foram à comunidade e constataram que 80% dos moradores e chefes de família estavam desempregados, vivendo na precariedade e marginalidade, na qual o narcotráfico era a única opção naquele momento (IBGE, 2015).

Diante do histórico relatado, pode-se ver a gestão do trabalhador e sua capacidade de aprendizagem, com uma administração coletiva e a presença de patrões. Aquele trabalhador do capitalismo que obedecia às ordens e não sabia nada sobre a empresa, era simplesmente um funcionário sem importância, que servia somente para cumprir tarefas e não tinha nenhum contato com os reais problemas. Esse processo nos remete ao que aponta Larossa:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara (LAROSSA, 2015, p.18)

O autor destaca que a quantidade de informação que se recebe é muito grande e essas informações não trazem a experiência. Muitos acreditam que quanto mais informação se recebe, mais experiência se tem e, na verdade, isso é uma verdadeira ilusão, pois a verdadeira experiência tem que ser sentida, vivida e não deixar passar sem importância.

Cotejando essa experiência nos empreendimentos coletivos autogestionários, evidencia-se que no dia-a-dia das rotinas, vivências e aprendizagens, muitos trabalhadores tiveram essa experiência verdadeira, pois eles realmente tiveram que colocar em prática essas informações e aprendizagens de uma forma que foi sentida e vivida verdadeiramente, se transformando em experiência.

Em suas práxis identifica-se também pelo olhar de Freire (1979), que a verdadeira aprendizagem ocorre quando o aprendizado se torna parte integral da compreensão e do conhecimento do indivíduo, permitindo que ele o recrie e o aplique em situações de vida reais.

A aprendizagem genuína envolve a apropriação do conhecimento, não apenas sua memorização e aqueles que simplesmente recebem informações sem compreendê-las, especialmente quando essas informações entram em conflito com sua própria visão de

mundo, não são desafiados a aprender de forma significativa. A verdadeira aprendizagem exige uma conexão profunda com o conhecimento e a capacidade de aplicá-lo em contextos da vida cotidiana.

Freire (1979), afirma que na aprendizagem, aprende quem coloca em ação o que aprendeu e transforma aquilo que aprendeu em apreendido, ou seja, para exemplificar o que é observado na Economia Solidária; os trabalhadores, aprenderam em suas vivências uns com os outros, além dos processos formativos, e colocaram em prática, viveram esse aprendizado e se destacaram nas suas empresas, fazendo com que tivessem tanto um crescimento pessoal quanto profissional.

A perspectiva pedagógica de Paulo Freire oferece insights valiosos para a compreensão do potencial educacional nos empreendimentos de economia solidária, especialmente no contexto das ciências sociais e tecnologias. Freire defendia uma abordagem educacional libertadora, na qual a aprendizagem não é apenas a transmissão de conhecimento, mas uma prática transformadora que capacita os aprendizes a se tornarem agentes críticos de mudança em suas realidades (FREIRE, 1974).

Logo, nos empreendimentos de economia solidária, onde a participação ativa e a colaboração são fundamentais, a aplicação dos princípios de Freire pode catalisar a construção coletiva de conhecimento, incentivando a autonomia e a capacidade reflexiva dos envolvidos.

A interseção entre tecnologias, ciências sociais e economia solidária é um terreno fértil para a implementação da visão freireana, onde a incorporação de ferramentas tecnológicas, seja na gestão dos empreendimentos, na promoção da educação financeira ou no acesso a mercados, pode ser orientada pela abordagem participativa e emancipatória de Freire. Ao empoderar os membros dos empreendimentos através da educação, especialmente nas ciências sociais que exploram as dinâmicas sociais e culturais, é possível promover uma compreensão mais profunda das estruturas socioeconômicas, permitindo uma participação mais informada e crítica nos processos de tomada de decisão coletiva.

Assim, a sinergia entre a visão freireana, as ciências sociais e as tecnologias na economia solidária podem não apenas fortalecer a educação nos empreendimentos, mas também contribuir para uma transformação mais abrangente das estruturas sociais e econômicas.

Diante do contexto, a interseção entre a visão freireana, as ciências sociais e a economia solidária adquire uma dimensão ainda mais impactante quando consideramos

a temática de gênero. Paulo Freire, ao defender uma pedagogia que transcende a simples transmissão de informações, proporciona uma plataforma para a reflexão crítica sobre as desigualdades de gênero presentes nos empreendimentos de economia solidária.

A educação libertadora pode servir como um veículo essencial para a conscientização sobre as questões de gênero, capacitando as mulheres a não apenas compreenderem suas posições dentro desses contextos, mas também a desafiarem e transformarem as normas sociais que perpetuam desigualdades. Essa abordagem, enraizada na pedagogia freireana, conecta-se organicamente ao propósito mais amplo da economia solidária: construir comunidades mais justas, equitativas e inclusivas.

Assim, a promoção da igualdade de gênero no mercado de negócios tem impactos significativos não apenas nas vidas das mulheres, mas também nas empresas e na sociedade em geral. A busca por igualdade de gênero não é apenas uma questão de justiça social, sendo estratégia inteligente que beneficia a todos os envolvidos, impactando o esforço na promoção da igualdade de gênero no mundo empresarial (AZEVEDO et. al., 2008).

De acordo com Arruda (2006), primeiramente, a igualdade de gênero promove a diversidade e a inclusão, o que é fundamental para a inovação e o sucesso nos negócios e diversos estudos demonstram que empresas com equipes de liderança mais diversas, incluindo uma representação significativa de mulheres, tendem a ser mais inovadoras e a tomar decisões melhores e mais informadas. Isso ocorre porque diferentes perspectivas e experiências enriquecem a tomada de decisões e a resolução de problemas. A diversidade de gênero é um ativo valioso para empresas que buscam se adaptar a um mercado global em constante evolução.

Além disso, a igualdade de gênero tem um impacto positivo na reputação e na imagem da empresa, uma vez que empresas que demonstram compromisso com a igualdade de gênero são percebidas como mais éticas e responsáveis. Isso pode atrair clientes, investidores e talentos que compartilham desses valores, resultando em vantagens competitivas significativas (GUERRA e TOLEDO, 2010).

Segundo Teixeira (2016), a igualdade de gênero também contribui para o aumento da produtividade e da retenção de funcionários e quando as mulheres têm igualdade de oportunidades no local de trabalho, elas se sentem mais valorizadas e comprometidas, o que leva a um ambiente de trabalho mais saudável e produtivo. Isso, por sua vez, ajuda a reduzir a rotatividade de funcionários e os custos associados à contratação e treinamento.

Além disso, a promoção da igualdade de gênero no mercado de negócios tem um impacto direto na economia e o aumento da participação das mulheres na força de trabalho e nos negócios contribui para o crescimento econômico e a redução da pobreza. Estudos indicam que a igualdade de gênero no mundo do trabalho pode adicionar trilhões de dólares ao Produto Interno Bruto (PIB) global (SILVA, 2018).

A igualdade de gênero no mercado de negócios também é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa, desafiando estereótipos de gênero prejudiciais e contribui para a eliminação da discriminação. Isso cria um ambiente onde todos, independentemente do gênero, podem alcançar seu pleno potencial e contribuir para o progresso social, segundo o autor acima.

A promoção da igualdade de gênero no mercado de negócios não é apenas uma questão moral, mas uma estratégia inteligente que beneficia as empresas, a economia e a sociedade como um todo, onde a diversidade de gênero promove inovação, melhora a reputação da empresa, aumenta a produtividade, contribui para o crescimento econômico e cria um ambiente mais justo e equitativo. Portanto, é fundamental que empresas e governos continuem a adotar políticas e práticas que promovam a igualdade de gênero e impulsionem o progresso em direção a uma sociedade mais igualitária e próspera (GAIGER, 2011 e LAVILLE, 2014).

As conquistas de igualdade de gênero alcançadas pelas mulheres no mercado de trabalho são um reflexo do progresso significativo que foi feito nas últimas décadas. Embora desafios persistam, é fundamental reconhecer e celebrar as conquistas que têm ocorrido e que continuam a moldar um ambiente mais equitativo e inclusivo no mundo empresarial.

Segundo Gaiger (2014) e Laville (2014), uma das conquistas mais notáveis é a crescente representação de mulheres em cargos de liderança e de alta gerência e hoje, mais mulheres ocupam posições de destaque em empresas e organizações em comparação com décadas anteriores. Esse avanço na liderança empresarial é fundamental para assegurar que as vozes e perspectivas das mulheres sejam incorporadas na tomada de decisões estratégicas e nas políticas de negócios.

Outra conquista importante é a melhoria da igualdade salarial, pois embora a disparidade salarial de gênero ainda exista em muitas partes do mundo, a conscientização sobre essa questão levou a esforços para corrigir essa injustiça. Muitos países implementaram leis de igualdade salarial e empresas têm adotado medidas para garantir que homens e mulheres que desempenham o mesmo trabalho recebam salários iguais,

onde esse progresso é fundamental para o empoderamento econômico das mulheres (Frainer, 2019).

Além disso, programas de desenvolvimento de liderança, mentoria e capacitação foram criados para apoiar as mulheres em sua ascensão no mundo dos negócios. Essas iniciativas oferecem oportunidades de aprendizado e crescimento que ajudam as mulheres a desenvolver as habilidades e a confiança necessárias para avançar em suas carreiras.

A flexibilidade no local de trabalho é outra conquista notável, pois com a crescente adoção do trabalho flexível e remoto, as mulheres têm mais oportunidades para equilibrar suas responsabilidades familiares com suas carreiras. Isso é especialmente importante em um mundo onde a conciliação entre trabalho e vida pessoal é uma prioridade.

Ainda segundo Silva (2018), a conscientização sobre a importância da diversidade de gênero nas empresas e na sociedade tem crescido substancialmente, sendo que cada vez mais, as empresas reconhecem que a igualdade de gênero não é apenas uma questão de justiça, mas também de vantagem competitiva.

Empresas que promovem a diversidade de gênero tendem a ser mais inovadoras, a atrair talentos diversos e a conquistar a lealdade dos clientes, como reflete a autora:

Pela perspectiva distributiva, gênero aparece como uma diferenciação semelhante a classe, enraizada na própria estrutura econômica da sociedade. Trata-se de um princípio básico para a organização da divisão do trabalho, dá sustentação à divisão fundamental entre trabalho 'produtivo' pago e trabalho doméstico 'reprodutivo' não pago, sendo este último designado como responsabilidade primária das mulheres. Gênero também estrutura a divisão, no âmbito do trabalho pago, entre os melhores salários – área predominantemente masculina nos setores fabris e nas ocupações profissionais – e os menores salários – área predominantemente feminina, no setor administrativo e nas ocupações de serviços domésticos. Como consequência, vemos uma estrutura econômica que gera formas específicas de injustiça distributiva baseada em gênero (Fraser, 2002, p. 64.)

Assim, as conquistas de igualdade de gênero no mercado de trabalho refletem um progresso notável em direção a um ambiente mais inclusivo e equitativo, de modo que essas conquistas são o resultado de esforços incansáveis das mulheres, da conscientização pública e do compromisso de empresas e governos em promover a igualdade de gênero (FRASER, 2002).

No entanto, é importante lembrar que ainda há trabalho a ser feito, e o progresso deve ser contínuo. A igualdade de gênero no mercado de trabalho não é apenas uma conquista, mas uma jornada em direção a um mundo mais justo e igualitário para todas as pessoas.

3.2 A Mulher e sua Iniciação ao Mercado de Trabalho

Para a maior parte das teóricas, o feminismo não é simplesmente uma perspectiva ou um modo de ver, tampouco uma epistemologia, uma forma de conhecer; é também ontologia, ou seja, uma maneira de estar no mundo. (OLIVEIRA, 2008, p. 46).

A trajetória da mulher em sua iniciação no mercado de trabalho e no mundo é um percurso rico em desafios, conquistas e transformações ao longo da história. Esse processo de inserção e emancipação da mulher no mundo do trabalho reflete as mudanças sociais e culturais que ocorreram nas últimas décadas, e sua complexidade merece uma análise mais profunda (VENTURI & GODINHO, 2013).

De acordo com Pitaluga (2022), no início do século XX, as mulheres enfrentavam barreiras significativas para ingressar no mercado de trabalho. As normas sociais e culturais impunham a elas o papel tradicional de cuidadoras do lar e da família. No entanto, as guerras mundiais e outros eventos históricos levaram as mulheres a assumir funções profissionais anteriormente reservadas aos homens. Esse foi um ponto de virada importante na emancipação das mulheres, pois demonstrou suas capacidades e competências em uma variedade de setores.

No entanto, o caminho para a igualdade no mercado de trabalho ainda estava repleto de obstáculos e a discriminação de gênero, a disparidade salarial e a falta de oportunidades de liderança eram desafios enfrentados pelas mulheres. O movimento feminista, que ganhou força nas décadas de 1960 e 1970, desempenhou um papel fundamental na luta por direitos iguais no trabalho, levando à promulgação de leis de igualdade de gênero e à conscientização pública sobre a importância da equidade (IPEA, 2011).

Segundo Araújo (1998), à medida que o século XXI avança, as mulheres conquistaram posições de destaque em uma variedade de campos, incluindo ciência, tecnologia, política e negócios. No entanto, os desafios persistem, especialmente em setores tradicionalmente dominados por homens, como o STEM (ciência, tecnologia, engenharia e matemática), onde a luta por igualdade salarial e a busca por um equilíbrio entre trabalho e vida pessoal também continuam sendo temas relevantes.

A iniciação da mulher no mercado de trabalho não se limita apenas à esfera profissional, mas também envolve sua emancipação no mundo em geral, uma vez que as mulheres têm desempenhado papéis fundamentais na promoção de mudanças sociais, defesa dos direitos humanos e liderança em questões ambientais. Elas têm contribuído

significativamente para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva (PITALUGA, 2022).

Segundo Accorssi, Nascimento, Amorim, Abreu e Rolim (2020), o futuro da iniciação da mulher no mercado de trabalho e no mundo depende de um compromisso contínuo com a igualdade de gênero e com a eliminação de preconceitos e estereótipos. A valorização do potencial das mulheres e a promoção de oportunidades iguais são essenciais para que a sociedade avance em direção a uma realidade em que homens e mulheres tenham as mesmas oportunidades de desenvolver seu potencial e contribuir para o progresso global, promovendo o empoderamento feminino, proporcionando espaços democráticos e de possibilidades, onde:

(...) são espaços privilegiados de intimidade e sociabilidade, e, portanto, de existência feminina, os grupos femininos aparecem doravante como suportes da emancipação individual. (...) muito além de ações pontuais, esses espaços auxiliam as mulheres a ser mais responsáveis por suas vidas e a reencontrar certa dignidade. Eles permitem a construção de uma identidade, não herdada e imposta pelas normas e tradições, mas escolhida e reivindicada. (GUÉRIN, 2005, p. 24-25).

Logo, de acordo com Pitaluga (2022), a iniciação da mulher no mercado de trabalho e no mundo é uma jornada marcada por avanços e desafios ao longo da história, de modo que a luta contínua pela igualdade de gênero é fundamental para garantir que as mulheres tenham voz e oportunidades para moldar o mundo em que vivem. A emancipação da mulher é, portanto, um caminho essencial na busca por uma sociedade mais justa, equitativa e progressista.

Teixeira (2016), relata que os desafios enfrentados pelas mulheres ao ingressar e fazer parte do mundo dos negócios são uma realidade que reflete desigualdades de gênero profundamente enraizadas na sociedade, onde essas barreiras, muitas vezes invisíveis e sistêmicas, impactam a capacidade das mulheres de se destacarem em empreendedorismo, liderança empresarial e carreiras de alto nível.

É fundamental analisar e compreender esses desafios para promover a igualdade de oportunidades, sintetizando as possibilidades, desafios e transformações no mundo dos negócios, sendo ilustrada na Tabela 2 (RAMOS, 2011).

Tabela 2: Possibilidades, Desafios e Transformações Sociais decorrentes da economia solidária

Dimensões	Variáveis
Possibilidades	Conquista de independência financeira Integração e compartilhamento de experiências e valores
Desafios	Dificuldade de gestão. Dificuldade na comercialização dos produtos. Pouco acesso a recursos financeiros, falta de política de créditos específica aos empreendimentos e falta de subsídio governamental. Falta de conhecimentos tecnológicos. Falta de rede de relacionamentos para a troca de experiências e conhecimentos. Falta de rendimento justo pelos trabalhos desempenhados
Transformações Sociais	Emancipação social

Fonte: Ramos (2023)

Logo, nota-se que a desigualdade salarial é um dos desafios mais evidentes, onde as mulheres continuam a receber, em média, salários significativamente mais baixos do que os homens, independentemente de sua qualificação e desempenho e essa disparidade salarial é resultado de práticas discriminatórias e falta de reconhecimento do valor do trabalho das mulheres. Ela limita o potencial de acumulação de riqueza e investimento financeiro das mulheres, afetando seu crescimento no mundo dos negócios (IBGE, 2015).

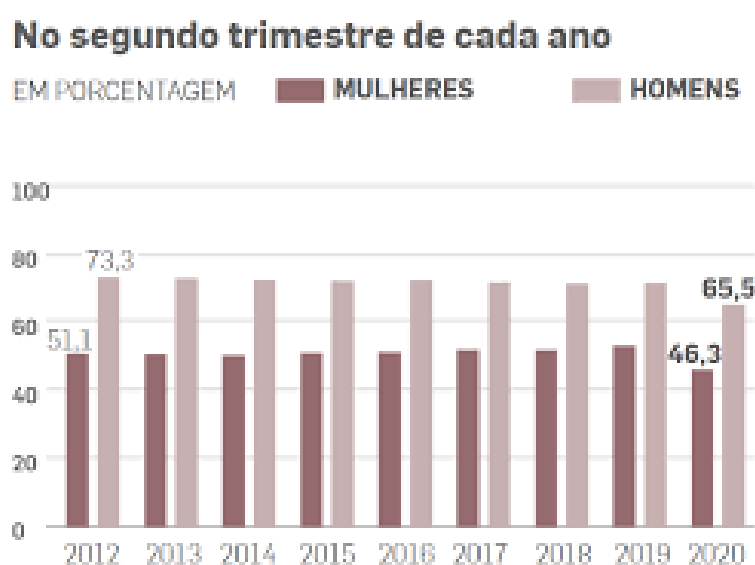
Ainda de acordo com Ramos (2011), a falta de representatividade feminina em cargos de liderança é outra barreira significativa, onde mulheres são sub-representadas em conselhos de administração e posições executivas em empresas, o que diminui sua influência e poder de tomada de decisões no mundo corporativo. Isso não apenas limita a diversidade de perspectivas nas estratégias de negócios, mas também perpetua estereótipos de gênero e inibe o progresso em direção a uma igualdade real

A conciliação entre trabalho e vida pessoal é um terceiro desafio que afeta as mulheres empreendedoras e executivas, pois a responsabilidade desproporcional das mulheres pelas tarefas de cuidados familiares muitas vezes a força e a fazer escolhas difíceis entre suas carreiras e suas vidas pessoais. Essa dificuldade em equilibrar as

demandas profissionais e pessoais pode limitar o tempo e a energia disponíveis para se dedicarem a seus negócios e carreiras (RAMOS, 2011).

As barreiras culturais e sociais também desempenham um papel significativo, onde a percepção tradicional de papéis de gênero, preconceitos e estereótipos pode criar obstáculos para as mulheres, afetando sua autoconfiança e oportunidades de networking. Esses obstáculos podem dificultar o acesso a recursos, como financiamento e mentoria, que são cruciais para o sucesso nos negócios, onde ainda se tem um número maior de homens no trabalho da economia do que mulheres, como mostra a Figura 3.

Figura 3: Participação feminina no Mercado de Trabalho



Fonte: <https://vermelho.org.br/2020/10/25/como-bolsonaro-e-a-pandemia-excluem-as-mulheres-do-mercado-de-trabalho/>

Assim, os desafios enfrentados pelas mulheres ao ingressar e fazer parte do mundo dos negócios são diversos e multifacetados, sendo que a superação dessas barreiras requer um compromisso contínuo com a promoção da igualdade de gênero e a eliminação de preconceitos sistêmicos. A diversidade de gênero não é apenas uma questão de justiça social, mas também uma força impulsionadora da inovação, do progresso e do crescimento econômico.

O empoderamento das mulheres no mundo dos negócios não é apenas benéfico para elas, mas para toda a sociedade e economia. Portanto, é essencial criar um ambiente em que as mulheres tenham as mesmas oportunidades, acesso a recursos e

reconhecimento que os homens, possibilitando seu pleno potencial no mundo dos negócios (PEIXOTO et. al., 2008).

Apesar dos desafios significativos enfrentados pelas mulheres ao ingressar no mundo dos negócios, também surgem oportunidades valiosas e promissoras que têm o potencial de alavancar seu sucesso e contribuir para a promoção da igualdade de gênero. Essas oportunidades não apenas beneficiam as mulheres, mas também enriquecem as empresas e a sociedade como um todo.

Uma das oportunidades mais evidentes é o reconhecimento crescente da importância da diversidade de gênero nas organizações. Pesquisas têm demonstrado que empresas com equipes de liderança mais diversificadas tendem a ser mais inovadoras e a tomar decisões melhores e mais informadas SILVA (2018).

Portanto, muitas empresas estão buscando ativamente aumentar a representatividade feminina em cargos de liderança e conselhos de administração. Isso abre portas para mulheres que desejam ascender a posições de influência e tomar parte nas estratégias de negócios.

Outra oportunidade está relacionada ao empreendedorismo, onde muitas mulheres optam por iniciar seus próprios negócios como uma forma de superar barreiras no mercado de trabalho tradicional. Os empreendimentos liderados por mulheres estão em ascensão, e o acesso a recursos e financiamento para mulheres empreendedoras tem melhorado, uma vez que incubadoras, programas de mentoria e redes de apoio estão cada vez mais disponíveis, fornecendo às mulheres empreendedoras o suporte necessário para alcançar o sucesso nos negócios (MELO, 2018).

Ainda de acordo com o autor acima, a tecnologia e a globalização também criam oportunidades significativas para as mulheres no mundo dos negócios, sendo que a natureza digital dos negócios modernos permite que as mulheres acessem mercados globais, promovam seus produtos e serviços e estabeleçam suas marcas pessoais de maneira mais ampla e eficaz.

Além disso, a flexibilidade do trabalho remoto e do empreendedorismo online pode facilitar a conciliação entre o trabalho e a vida pessoal, abrindo caminho para maior participação feminina no mundo dos negócios.

A conscientização pública sobre questões de gênero e igualdade também está impulsionando mudanças, e a sociedade está se tornando cada vez mais crítica em relação à discriminação de gênero e à falta de oportunidades para as mulheres. Isso cria um

ambiente onde as empresas e instituições são incentivadas a adotar práticas mais inclusivas e a eliminar preconceitos (MELO, 2018).

Assim, embora os desafios sejam reais, as oportunidades para as mulheres no mundo dos negócios também são significativas e a busca da igualdade de gênero no mercado de trabalho não é apenas uma questão de justiça, mas também uma estratégia inteligente para melhorar a tomada de decisões, promover inovação e fortalecer a economia.

Portanto, a valorização da diversidade de gênero e a criação de um ambiente de negócios mais inclusivo são passos essenciais na promoção do sucesso das mulheres e na construção de uma sociedade mais igualitária e próspera, de modo que mulheres possam demonstrar todo seu potencial.

3.2.1 Mulheres na Economia Solidária

Em relação a educação, formação e informação, é fundamental que o empreendimento invista na formação técnica e na educação de seus trabalhadores, além de ser transparentes em relação à organização e seu funcionamento.

Nesse aspecto é importante apontar para a trajetória das mulheres na Economia Solidária, porque essa forma de trabalho promove o sustento econômico e a dignidade, por meio de práticas de autogestão, democracia e cooperação, além dos processos educativos, com o intuito de transformar essas mulheres em grandes líderes e administradoras, onde juntas possam transformar e se transformarem, por meio da união, como ilustra a Figura 4.

Figura 4: Grupo Femininos



Fonte: <https://aun.webhostusp.sti.usp.br/index.php/2017/11/29/grupos-femininos-de-economia-solidaria-dao-autonomia-para-a-mulher/>

Neste sentido, existem empreendimentos que trabalham a prevenção da violência e desenvolvem atividades de geração de renda, autonomia econômica da mulher bem como autoestima, pensando que ela rompa com o ciclo de violência. Essas mulheres recebem formação e sabem da importância da renda em suas casas, mas também do trabalho coletivo, das mudanças que podem gerar a partir das pessoas estarem trabalhando juntas (NASCIMENTO, 2022).

De acordo com o SIES - Sistema Nacional de Informações em Economia Solidária (2010-2013)¹ - dos participantes de empreendimentos em Economia Solidária 43,6% são mulheres e 56,4% são homens. Porém, apesar dos números apontarem que o maior índice corresponde ao sexo masculino, Nascimento (2022) aponta que, na prática, a maior participação é das mulheres, devido a existência de uma invisibilidade muito grande quanto ao trabalho delas.

As mulheres estão em menor número em empreendimentos formalizados, portanto elas estão em posição econômica mais frágil que os homens, mesmo em modo de produção mais igual como a Economia Solidária. A maior parte das mulheres, trabalha com agricultura familiar, ou seja, 58%, e com artesanato seria 13%, apesar disso, elas são a maioria nas posições de liderança dos empreendimentos e do total de participantes em

¹ Com base nos dados do SIES – Sistema Nacional de Informações em Economia Solidária. Disponível em <http://sies.ecosol.org.br/sies>

posição de coordenação e direção, as mulheres são 56%, e os homens 44% (ACOSSI, 2016).

A relação entre as mulheres e a economia solidária é uma área de crescente interesse e importância em um mundo em constante transformação, onde a economia solidária é um modelo econômico que se baseia em princípios de cooperação, autogestão e solidariedade, em contraposição aos modelos tradicionais de mercado. Nesse contexto, as mulheres desempenham um papel fundamental e multifacetado, o que torna a interseção entre gênero e economia solidária um campo de estudo rico e diversificado (PITALUGA, 2022).

O autor relata que mulheres têm uma presença significativa na economia solidária como empreendedoras, membros ativos de cooperativas, trabalhadoras autônomas e líderes de empreendimentos coletivos. Elas contribuem para a criação e gestão de empreendimentos solidários em setores variados, desde produção agrícola até comércio justo e serviços, de modo que essa participação ativa não apenas fortalece o movimento da economia solidária, mas também empodera as mulheres economicamente, promovendo a igualdade de gênero.

Além disso, a economia solidária muitas vezes enfatiza princípios de justiça social e sustentabilidade, valores que ressoam com as preocupações das mulheres e isso as leva a aderir a empreendimentos solidários como uma forma de buscar soluções econômicas que se alinhem com seus valores pessoais, permitindo que expressem seu compromisso com questões sociais e ambientais. A economia solidária, portanto, proporciona um espaço onde as mulheres podem buscar tanto seus interesses econômicos quanto seu engajamento em causas sociais, abrindo oportunidades para a construção de um mundo mais justo e equitativo (PITALUGA, 2022).

No entanto, apesar do impacto positivo das mulheres na economia solidária, desafios persistem e muitas mulheres enfrentam barreiras, como discriminação de gênero, falta de acesso a recursos financeiros e dificuldades na conciliação entre trabalho e família, podendo limitar sua plena participação e oportunidades de liderança nos empreendimentos solidários. Portanto, há uma necessidade premente de políticas e práticas que promovam a igualdade de gênero e capacitem as mulheres na economia solidária.

Assim, a relação entre as mulheres e a economia solidária é complexa e multifacetada, refletindo não apenas a contribuição econômica das mulheres, mas

também seu compromisso com valores de justiça, inclusão e sustentabilidade. O estudo dessa relação é fundamental não apenas para compreender as complexidades das questões de gênero na economia, mas também para informar políticas e práticas que promovam a igualdade de gênero e construam sociedades mais justas e inclusivas (SOUZA, 2018).

Segundo Machado (2017), a participação ativa das mulheres na economia solidária não é apenas uma questão de equidade, mas também uma oportunidade para catalisar mudanças positivas em direção a um futuro mais sustentável e igualitário. A introdução da mulher na economia solidária representa um marco significativo na busca pela igualdade de gênero e na promoção de uma economia mais justa e sustentável.

Logo, é analisado que a economia solidária é um modelo econômico baseado na cooperação, autogestão e solidariedade, em contraste com o modelo tradicional centrado na competição e no lucro a todo custo. A participação das mulheres nesse contexto não apenas contribui para seu empoderamento econômico, mas também enriquece o movimento da economia solidária como um todo.

Segundo Aossi (2016), historicamente, as mulheres foram frequentemente marginalizadas no mercado de trabalho e enfrentaram desigualdades salariais, discriminação de gênero e barreiras de acesso a cargos de liderança. A economia solidária oferece uma alternativa a esse paradigma, criando espaços onde as mulheres podem exercer seu potencial em um ambiente colaborativo e igualitário, onde esses empreendimentos solidários incluem cooperativas, associações, grupos de trabalho e outros modelos baseados na democracia econômica.

A participação ativa das mulheres na economia solidária não se limita apenas à busca de renda e sustento, mas também à promoção de valores como igualdade, justiça e solidariedade. As mulheres muitas vezes desempenham papéis de destaque na tomada de decisões e na gestão dos empreendimentos solidários, permitindo influenciar as políticas, práticas e valores subjacentes à economia solidária (SOARES, 2019).

Além disso, as mulheres na economia solidária frequentemente se envolvem em setores relacionados à sustentabilidade ambiental, como agricultura orgânica, artesanato e produção local. Essa ênfase na sustentabilidade se alinha com as crescentes preocupações globais com o meio ambiente e a busca por soluções econômicas mais ecológicas.

De acordo com Teixeira (2016), a introdução da mulher na economia solidária não é apenas uma questão de justiça de gênero, mas também uma força motriz para a transformação econômica e social, onde a mesma ajuda a construir uma economia mais

inclusiva, equitativa e voltada para o bem-estar das comunidades. Além disso, amplia a perspectiva da economia solidária ao trazer novas vozes e experiências para o movimento.

Diante do contexto, a introdução da mulher na economia solidária é um passo importante em direção a uma economia mais justa, sustentável e solidária, onde mulheres desempenham um papel vital na construção de empreendimentos econômicos baseados em princípios de cooperação e solidariedade, e sua participação fortalece o movimento da economia solidária como um todo. Essa inclusão não apenas beneficia as mulheres, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais igualitária e justa, onde todos possam prosperar.

A participação ativa das mulheres desempenha um papel fundamental no avanço da economia solidária, proporcionando benefícios significativos para empreendimentos cooperativos e para a sociedade como um todo. A contribuição das mulheres é multifacetada e pode ser entendida a partir de diversas perspectivas, abrangendo aspectos econômicos, sociais e ambientais (CLEPS, MARQUES e VASCONCELOS, 2020).

Assim, a presença das mulheres na economia solidária amplia a diversidade de habilidades e competências disponíveis nos empreendimentos cooperativos. Elas trazem perspectivas únicas, conhecimentos e experiências que enriquecem o ambiente de trabalho e contribuem para a resolução criativa de desafios e além disso, as mulheres frequentemente desempenham papéis-chave em áreas como gestão, finanças, marketing e sustentabilidade, contribuindo para a eficiência e a inovação nos empreendimentos.

De acordo com Ribeiro (2016), a presença das mulheres também fortalece a governança democrática dos empreendimentos da economia solidária, desempenhando papéis ativos na tomada de decisões, participando de assembleias e processos de gestão participativa. Isso não apenas promove a igualdade de gênero no ambiente de trabalho, mas também contribui para a construção de empreendimentos mais inclusivos e democráticos.

Além disso, as mulheres na economia solidária frequentemente se envolvem em setores que valorizam a sustentabilidade ambiental e a responsabilidade social, podendo liderar iniciativas de agricultura orgânica, artesanato sustentável, comércio justo e outras atividades que promovem práticas econômicas mais responsáveis. Esse foco na sustentabilidade é vital para a construção de uma economia solidária que respeite os limites ambientais e promova o bem-estar das comunidades.

A participação ativa das mulheres também contribui para a promoção da justiça social e da igualdade de gênero em um nível mais amplo, se tornando modelos para outras

mulheres e meninas, demonstrando que é possível superar barreiras de gênero e alcançar o sucesso nos negócios. Isso cria um ciclo positivo de empoderamento e inspiração, que pode ter impactos duradouros na sociedade (RIBEIRO, 2016).

Portanto, as mulheres desempenham um papel essencial no avanço da economia solidária, contribuindo para a diversidade, a eficiência, a governança democrática e a sustentabilidade dos empreendimentos cooperativos. Sua participação não apenas fortalece o movimento da economia solidária, mas também promove a igualdade de gênero e a justiça social, onde reconhecer e valorizar o papel das mulheres nesse contexto é fundamental para construir uma economia mais equitativa, inclusiva e sustentável.

Os empreendimentos coletivos de economia solidária oferecem um ambiente único para aprendizagem e desenvolvimento, sendo espaços onde as pessoas se unem com um objetivo comum de criar empreendimentos econômicos baseados em princípios de solidariedade, autogestão e cooperação. Nesse contexto, as aprendizagens ocorrem em várias dimensões, indo além do mero aspecto técnico e econômico, trabalhando com empreendimentos coletivos.

Assim, a realização dos mapeamentos supôs um acordo prévio em torno do conceito de Empreendimento Econômico Solidário (EES):

Empreendimentos coletivos suprafamiliares, com ao menos dois sócios/as e de atuação econômica permanente; que adotam a forma de associações, cooperativas, empresas autogestionárias, grupos de produção, clubes de troca, etc., cujos participantes realizam coletivamente a gestão das atividades e a alocação dos resultados; com ou sem registro legal, prevalecendo a existência real ou a vida regular da organização; que realizam atividades econômicas de produção de bens, de prestação de serviços, de fundos de crédito (cooperativas de crédito e fundos rotativos populares), de comercialização (compra, venda e troca de insumos, produtos e serviços) e de consumo solidário. Sendo organizações singulares ou complexas (GAIGER, 2014).

Assim, a economia solidária promove a aprendizagem da colaboração e do trabalho em equipe, onde os membros dos empreendimentos precisam aprender a tomar decisões coletivas, resolver conflitos de forma construtiva e gerir suas atividades de forma conjunta. Isso não apenas fortalece suas habilidades sociais, mas também promove uma compreensão mais profunda da importância da solidariedade em suas vidas.

Além disso, Milani e Grade (2018), relata que a economia solidária proporciona oportunidades para a capacitação e aquisição de habilidades, sendo que os membros podem aprender habilidades técnicas, como produção, gestão financeira e marketing, por meio de treinamentos e da prática cotidiana. Essas habilidades não apenas fortalecem a

capacidade dos empreendimentos de competir no mercado, mas também melhoram a empregabilidade dos participantes em outros contextos.

No entanto, as aprendizagens nos empreendimentos coletivos de economia solidária não se limitam ao aspecto técnico, podendo também fomentar a compreensão de questões sociais e econômicas mais amplas. Os membros aprendem sobre a desigualdade, a justiça social e a importância de práticas econômicas responsáveis e sustentáveis. Essas lições são fundamentais para a construção de uma consciência cidadã e a promoção de uma sociedade mais justa (MILANI & GRADE, 2018).

Além disso, a economia solidária valoriza a educação popular, permitindo que os membros compartilhem conhecimentos e experiências, criando um ambiente de aprendizagem contínua, onde o conhecimento é disseminado e ampliado. Logo, os empreendimentos coletivos de economia solidária representam escolas vivas de aprendizagem, onde os membros adquirem habilidades técnicas e sociais, aprofundam sua compreensão das questões sociais e econômicas e fortalecem sua capacidade de promover mudanças em direção a uma sociedade mais justa e sustentável.

Assim, a aprendizagem pode ser vista muito além das salas de aula tradicionais e pode ocorrer de maneira significativa e transformadora em contextos econômicos colaborativos. Assim, no que diz respeito a aprendizagem nos empreendimentos coletivos de Economia Solidária a educação e a cooperação são duas vivências sociais que andam juntas, na educação se identificam as práticas cooperativas e na cooperação as práticas educativas. Ambas como processos sociais (FREIRE, 1987).

Nas vivências dos empreendimentos, necessita-se de uma comunicação na mesma linguagem dos objetivos em comum, em que há a necessidade de falar, argumentar e tomar decisões, nesse momento de interlocução de saberes de cada pessoa, é quando acontece a educação, ou seja, no dia-a-dia das vivências e nas práticas, em busca dos objetivos de todos, se constrói o conhecimento, a aprendizagem e a educação. Já nas vivências educativas, na interação das relações humanas, acontece a cooperação. Entretanto, estas vivências nos empreendimentos, na escola são chamadas de “espaços pedagógicos”, em que os alunos entendem a fundo a vida social. Assim comenta Freire (1987, p. 44):

Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já, não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas. Já agora ninguém educa

ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Mediatizados pelos objetos cognoscíveis que, na prática” bancária”, são possuídos pelo educador que os descreve ou os deposita nos educandos passivos (FREIRE, 1987, p. 44).

O autor sempre defende a ideia de o educando ser o protagonista, ou seja, ele criar e produzir seus conhecimentos na prática, pois o educando pode decorar e não aprender, o que é diferente se ele colocar na prática aquilo que é aprendido formando, assim, suas ideias e opiniões. Na comparação do que acontece em cooperativa, também podemos destacar a ocorrência deste modelo, pois há o aprendizado entre os trabalhadores e suas funções, sempre influenciados pelo mundo.

Para o autor a exotopia significa muito mais do que simplesmente se colocar no lugar do outro, significa parar de viver no automático e começar a prestar mais atenção no mundo que vive, no sentido de realmente sentir o que o outro sente, mas fazer algo em relação ao outro e mostrar para o outro que ele tem uma responsabilidade por existir. Ou seja, compreender o outro com seu ponto de vista, referente a interação social que se condiz única e dialógica.

Referente ao aprendizado, o autodidatismo, Singer afirma: “Estou convencido hoje de que as coisas melhores que nós sabemos, nós aprendemos fazendo, e não em aula. Penso que a escola comete um pecado mortal e imperdoável porque ela separa totalmente a teoria da prática” (SINGER, 2002).

A escola vem com uma teoria fechada, em que o educando não consegue participar e expor sua opinião e muito menos vivenciar a prática, pois o educando se esquece, em pouco tempo, tudo que aprendeu, pois decorou e não colocou em prática aquele determinado assunto. Seguindo o raciocínio do autor através das experiências vivenciadas, percebe-se que o aprender é fazendo, praticando e isso é uma prática observada na Economia Solidária.

Os trabalhadores que recuperaram as empresas, conseguiram aprender a administrá-la, porque foram auxiliados pela ANTEAG e pela União e Solidariedade das Cooperativas e Empreendimentos de Economia Social no Brasil (UNISOL) (SINGER, 2008). Elas formaram redes de cooperativas e levantaram recursos financeiros, assim podendo contratar alguns serviços como assessoria financeira, fiscal, legal e tecnológica. O autoaprendizado desses trabalhadores foi muito rápido, porque com a prática eles conseguiram aprender e realizar; reconquistar antigos fornecedores e clientes, colocando em prática as responsabilidades o que resultou na recuperação das empresas.

A aprendizagem da mulher nos empreendimentos coletivos de economia solidária é um processo rico e complexo que desempenha um papel fundamental na promoção de sua autonomia e no sucesso desses empreendimentos. A economia solidária, baseada em princípios de cooperação, autogestão e solidariedade, oferece um ambiente propício para o desenvolvimento de habilidades e conhecimentos das mulheres, bem como para a construção de relações de trabalho mais igualitárias.

Schwenck (2018) afirma que a aprendizagem nos empreendimentos coletivos permite que as mulheres adquiram habilidades técnicas e gerenciais essenciais para o funcionamento bem-sucedido dos empreendimentos. Isso inclui conhecimentos relacionados à produção, marketing, gestão financeira e tomada de decisões coletivas, onde a capacitação e a formação contínua são práticas comuns nos empreendimentos solidários, permitindo que as mulheres aprimorem suas habilidades ao longo do tempo.

Além das habilidades técnicas, a aprendizagem nos empreendimentos solidários promove o desenvolvimento de habilidades interpessoais e de liderança. As mulheres têm a oportunidade de participar ativamente das decisões coletivas, aprender a resolver conflitos de maneira construtiva e aprimorar suas habilidades de comunicação e trabalho em equipe. Isso não apenas fortalece sua capacidade de liderar, mas também contribui para um ambiente de trabalho mais democrático e participativo (SCHWENCK, 2018).

Logo, percebe-se que a aprendizagem nos empreendimentos coletivos também está intimamente ligada à conscientização sobre questões de gênero e igualdade. À medida que as mulheres participam ativamente das decisões e dos processos de governança, elas têm a oportunidade de abordar questões de gênero e promover a igualdade no local de trabalho. Isso não apenas beneficia as próprias mulheres, mas também contribui para a construção de empreendimentos mais inclusivos e equitativos.

Além disso, a aprendizagem nos empreendimentos de economia solidária também pode incluir aspectos relacionados à responsabilidade social e ambiental, onde muitos empreendimentos solidários têm um compromisso com práticas de produção sustentáveis e com a promoção de valores de justiça social. As mulheres que participam desses empreendimentos aprendem a considerar não apenas o impacto econômico, mas também o impacto social e ambiental de suas atividades.

Assim, a aprendizagem da mulher nos empreendimentos coletivos de economia solidária é um processo enriquecedor que abrange habilidades técnicas, habilidades interpessoais, liderança, conscientização de gênero e responsabilidade social e ambiental. Essa aprendizagem não apenas fortalece as capacidades das mulheres, mas também

contribui para a construção de empreendimentos mais democráticos, igualitários e sustentáveis, onde reconhecer o valor da aprendizagem nos empreendimentos de economia solidária é fundamental para promover o empoderamento das mulheres e o avanço de uma economia mais justa e solidária.

3.2.2 Mulheres na Construção de Sociedades Inclusivas na Economia Solidária

A participação ativa das mulheres desempenha um papel crucial na construção de sociedades mais justas e inclusivas, especialmente no contexto da economia solidária. A economia solidária, baseada em princípios de cooperação, autogestão e solidariedade, oferece um terreno fértil para a promoção da igualdade de gênero e para a construção de sociedades mais equitativas (SINGER, 2002).

A participação das mulheres na economia solidária promove a inclusão econômica e a autonomia financeira, onde muitas mulheres enfrentam desigualdades salariais e barreiras de acesso ao mercado de trabalho tradicional. Os empreendimentos solidários oferecem oportunidades de trabalho e empreendedorismo que respeitam os princípios da igualdade de gênero, proporcionando às mulheres a chance de se sustentarem e de melhorar suas condições de vida.

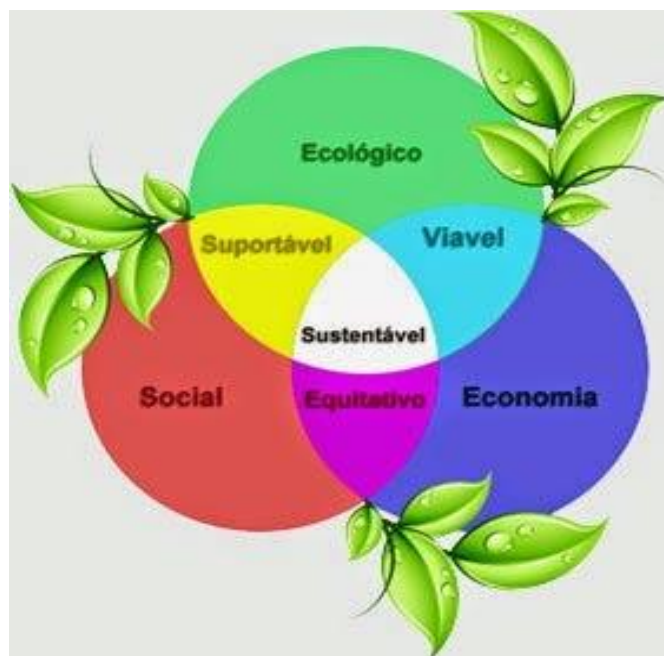
Além disso, Acoosi (2016), a economia solidária frequentemente se baseia em princípios democráticos e na participação ativa dos membros, permitindo que as mulheres desempenhem papéis fundamentais na tomada de decisões, na gestão e na governança dos empreendimentos solidários. Isso não apenas promove a igualdade de gênero no ambiente de trabalho, mas também contribui para a construção de empreendimentos mais democráticos e participativos, que valorizam as vozes de todos os membros.

A participação das mulheres na economia solidária também promove a conscientização sobre questões de gênero e a luta por igualdade, onde possuem a oportunidade de abordar questões de gênero no contexto de seus empreendimentos, promovendo a igualdade salarial, o respeito pelos direitos reprodutivos e a eliminação da violência de gênero. Isso ajuda a construir uma cultura de igualdade e respeito nos empreendimentos e, por extensão, na sociedade em geral (CLEPS, MARQUES E VASCONCELOS, 2020).

Além disso, a economia solidária frequentemente adota práticas econômicas e de produção sustentáveis, o que é essencial para a construção de sociedades mais justas e

inclusivas e as mulheres desempenham papéis-chave em setores relacionados à agricultura orgânica, artesanato sustentável e comércio justo. Isso contribui para a promoção de uma economia mais responsável em termos ambientais e sociais, havendo o equilíbrio sustentável juntamente com a educação, economia e a sustentabilidade, ilustrado pela Figura 5.

Figura 5: Sustentabilidade e Educação



Fonte: <https://medium.com/@maira.palm/sustentabilidade-e-educacao-transformando-estudantes-em-agentes-para-um-futuro-sustentavel-439def841262>

Diante do exposto, a participação ativa das mulheres na economia solidária é fundamental para a construção de sociedades mais justas e inclusivas, promovendo a inclusão econômica, a igualdade de gênero, a participação democrática e a sustentabilidade, que são pilares essenciais para uma sociedade mais equitativa. Reconhecer o valor da participação das mulheres na economia solidária é um passo importante na busca por um mundo mais justo, igualitário e sustentável.

De acordo com Soares (2019), a participação ativa das mulheres na economia solidária também tem um impacto positivo em comunidades e na sociedade em geral, pois à medida que as mulheres prosperam nos empreendimentos solidários, elas contribuem para o fortalecimento das redes sociais e do capital social nas comunidades em que operam. Isso pode levar a uma maior coesão comunitária e ao desenvolvimento de relações de confiança, que são fundamentais para o bem-estar de todos.

Além disso, a inclusão das mulheres na economia solidária desafia estereótipos de gênero prejudiciais e ajuda a promover uma cultura de igualdade e respeito, de modo que à medida que as mulheres assumem papéis de liderança e influência, elas se tornam modelos e defensoras da igualdade de gênero. Isso tem o potencial de inspirar futuras gerações de mulheres a buscar oportunidades e a desafiar preconceitos de gênero (SOARES, 2019).

A autora acima afirma que a participação das mulheres na economia solidária também pode contribuir para a redução da pobreza e da desigualdade, pois muitas vezes esses empreendimentos têm um compromisso com a distribuição justa de recursos e renda. Isso beneficia não apenas as mulheres envolvidas, mas também as comunidades em que operam, criando um ciclo virtuoso de desenvolvimento local.

Portanto, a participação das mulheres na economia solidária não é apenas benéfica para elas individualmente, mas também para a sociedade como um todo, promovendo a inclusão econômica, a igualdade de gênero, o desenvolvimento comunitário e a construção de uma cultura de respeito e igualdade. Reconhecer e apoiar a participação das mulheres na economia solidária é essencial para a construção de sociedades mais justas, inclusivas e sustentáveis.

3.2.3 Mulheres, Economia e Transformação Social

O século XXI testemunhou uma profunda transformação no papel da mulher na sociedade, dando origem a uma nova e multifacetada figura: a mulher contemporânea. Longe dos estereótipos tradicionais que por tanto tempo definiram as expectativas em torno do universo feminino, a nova mulher do século XXI emerge como uma força dinâmica, moldada por uma série de fatores sociais, econômicos e culturais (SOARES, 2019).

De acordo com Soares (2019), o empoderamento feminino é um pilar central desse fenômeno, que à medida que as barreiras de gênero foram desafiadas e superadas, as mulheres conquistaram espaços antes inimagináveis. A educação, por exemplo, tornou-se uma ferramenta poderosa para a emancipação, proporcionando às mulheres não apenas conhecimento acadêmico, mas também habilidades essenciais para enfrentar os desafios do mundo moderno.

No âmbito profissional, a presença feminina expandiu-se significativamente em campos historicamente dominados por homens, onde a mulher do século XXI não apenas

ingressa nesses setores, mas também redefiniu as normas, mostrando competência e liderança em áreas como ciência, tecnologia, engenharia e matemática. A quebra de teto de vidro tornou-se um símbolo da ascensão da mulher contemporânea, desbravando caminhos para as gerações futuras (MACHADO, 2017).

Assim, diante do exposto, constata-se que além do ambiente profissional, a nova mulher destaca-se na esfera pública, participando ativamente em questões sociais e políticas, não apenas levanta sua voz, mas também influencia mudanças significativas na legislação e nas políticas, buscando a igualdade de direitos e oportunidades. A representatividade feminina nos governos e cargos de liderança é uma manifestação tangível desse comprometimento com a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

De acordo Teixeira (2016), o avanço tecnológico desempenha um papel crucial na vida da mulher do século XXI, e a conectividade global por sua vez permitiu o acesso à informação e a oportunidades antes inacessíveis, capacitando as mulheres a se envolverem em redes sociais, empreendedorismo e atividades de advocacia. A tecnologia tornou-se uma aliada na promoção da igualdade de gênero, ampliando as vozes femininas e fornecendo ferramentas para desafiar narrativas prejudiciais.

No entanto, a jornada da mulher contemporânea não está isenta de desafios, onde a persistência de estereótipos de gênero, a disparidade salarial e as expectativas sociais ainda representam obstáculos significativos. A conciliação entre carreira e vida pessoal é um dilema comum, enquanto a pressão por padrões estéticos irreais persiste, a desconstrução dessas barreiras exige um esforço contínuo da sociedade como um todo.

Em termos de relações interpessoais, a nova mulher busca parcerias baseadas na igualdade e no respeito mútuo, desafiando as normas tradicionais de papéis de gênero, promovendo relacionamentos saudáveis e colaborativos. A autonomia financeira e emocional tornou-se uma prioridade, permitindo que as mulheres escolham seus caminhos com independência e confiança (TEIXEIRA, 2016).

Em suma, a nova mulher se tornou uma figura complexa e multifacetada, moldada por um contexto de transformação social e empoderamento e seu impacto vai além dos limites individuais, influenciando positivamente comunidades e sociedades. À medida que a busca pela igualdade de gênero continua, a mulher contemporânea permanece no centro desse movimento, impulsionando mudanças significativas e inspirando as gerações futuras a trilharem caminhos ainda mais promissores.

O papel da mulher no mundo da economia tem passado por uma evolução marcante, desempenhando um papel cada vez mais crucial nas transformações globais. O século XXI tem sido palco de mudanças significativas nas percepções e oportunidades para as mulheres, e sua presença no cenário econômico emergiu como um catalisador para avanços substanciais (CLEPS, MARQUES e VASCONCELOS, 2020).

Logo, o reconhecimento da importância econômica da mulher vai além de uma mera inclusão simbólica, uma vez que à medida que mais mulheres ingressam no mercado de trabalho e assumem papéis de liderança, a dinâmica econômica do mundo se transforma. A diversidade de pensamento e abordagens é enriquecida, contribuindo para a inovação e a resiliência das organizações e, por extensão, das economias nacionais e globais.

Segundo Santos (2017), um aspecto crucial desse fenômeno reside na crescente representatividade feminina em setores historicamente dominados por homens e a participação ativa e bem-sucedida das mulheres em campos como tecnologia, finanças e empreendedorismo não apenas quebra estereótipos, mas também redefine as narrativas sobre as capacidades e contribuições das mulheres para o desenvolvimento econômico.

A inclusão das mulheres na economia não é apenas uma questão de justiça social, mas também uma estratégia inteligente para impulsionar o crescimento econômico. Estudos mostram consistentemente que empresas e países que promovem a igualdade de gênero tendem a ter desempenhos melhores, pois a diversidade de gênero traz uma variedade de perspectivas, ideias e soluções, criando ambientes de trabalho mais inovadores e produtivos (MILANI & GRADE, 2018).

Além disso, o empreendedorismo feminino tem se destacado como uma força propulsora de mudanças econômicas e sociais, onde mulheres empreendedoras estão criando negócios inovadores, gerando empregos e contribuindo para o crescimento econômico sustentável. O apoio a iniciativas que promovem o empreendedorismo feminino não apenas fortalece as mulheres individualmente, mas também fortalece as comunidades e as economias locais.

Outro ponto relevante é a capacidade das mulheres de influenciar as decisões de consumo, sendo seu poder de compras significativo e empresas estão cada vez mais reconhecendo a importância de entender e atender às necessidades desse segmento do mercado. Esse reconhecimento não apenas impulsiona a economia, mas também redefine os padrões de produtos e serviços, promovendo uma abordagem mais inclusiva e sensível às demandas diversificadas da sociedade (MILANI & GRADE, 2018).

É crucial mencionar que, apesar dos progressos, desafios persistentes ainda limitam o pleno potencial das mulheres no mundo da economia, com disparidade salarial, barreiras de acesso a oportunidades e os estereótipos de gênero continuam a ser obstáculos a serem superados. O compromisso contínuo com políticas e práticas que promovam a igualdade de gênero é essencial para garantir uma participação plena e justa das mulheres no cenário econômico.

Em síntese, a crescente importância da mulher no mundo da economia representa não apenas uma mudança de paradigma, mas uma força motriz para transformações substanciais e à medida que as mulheres conquistam papéis de destaque, influenciam decisões econômicas e lideram iniciativas empreendedoras, elas contribuem para uma economia mais vibrante, equitativa e resiliente. O empoderamento econômico das mulheres não é apenas uma questão de justiça, mas uma estratégia essencial para impulsionar o desenvolvimento sustentável e construir um futuro econômico mais inclusivo e promissor (FRAINER, 2019).

Diante disso, observa-se que o empoderamento feminino emergiu como uma força transformadora, desempenhando um papel crucial nas grandes mudanças sociais que caracterizam o cenário contemporâneo. A representatividade da mulher empoderada transcende as fronteiras individuais, influenciando positivamente comunidades, sociedades e, por extensão, o mundo como um todo.

Assim, a representatividade da mulher empoderada se reflete na desconstrução de estereótipos de gênero arraigados e a mulher do século XXI desafia as expectativas tradicionais, não apenas em termos de sua participação em diversas esferas da sociedade, mas também na redefinição de padrões culturais que por muito tempo limitaram seu potencial. Ao romper com ideias preconcebidas sobre o que uma mulher pode ou não fazer, ela inspira outras a seguir seus próprios caminhos, promovendo uma mudança cultural profunda e duradoura.

Segundo Ribeiro (2016), a presença da mulher em posições de liderança é um catalisador essencial para transformações sociais significativas, seja na política, nos negócios ou em organizações sem fins lucrativos, a liderança feminina traz consigo uma abordagem única, marcada pela empatia, colaboração e resiliência. Essas qualidades não apenas enriquecem as decisões tomadas, mas também promovem um ambiente mais inclusivo, onde diversas vozes são ouvidas e valorizadas.

Logo, a representatividade da mulher é particularmente evidente nas lutas por direitos e igualdade, uma vez que mulheres têm liderado movimentos sociais e ativismos, erguendo suas vozes contra a discriminação de gênero, violência e desigualdade.

No âmbito educacional, a mulher empoderada desempenha um papel crucial como modelo e mentora, onde sua presença em instituições de ensino superior e em posições acadêmicas de destaque inspira jovens a perseguirem seus objetivos educacionais e profissionais, desafiando a ideia de que certas áreas são exclusivamente masculinas. Isso contribui não apenas para a formação de profissionais capacitadas, mas também para a construção de uma sociedade mais equitativa e informada (FREIRE, 2017).

Melo (2018), relata que a representatividade da mulher vai além das fronteiras nacionais, desempenhando um papel vital na promoção dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU). O empoderamento das mulheres é reconhecido como uma força propulsora para alcançar metas relacionadas à erradicação da pobreza, saúde materna e infantil, e igualdade de gênero, onde investir no empoderamento feminino não é apenas moralmente correto, mas também estrategicamente vantajoso para o progresso social e econômico global.

No entanto, é imperativo reconhecer que os desafios persistem e a representatividade da mulher empoderada muitas vezes enfrenta resistência e enfrenta barreiras sistêmicas profundas. A equidade de oportunidades, a disparidade salarial e a falta de reconhecimento ainda são questões prementes que exigem atenção contínua e ação coletiva.

Em síntese, a representatividade da mulher se tornou uma força transformadora para grandes mudanças sociais, seja desafiando normas culturais, liderando movimentos sociais ou influenciando políticas, onde a mulher empoderada é uma arquiteta de um futuro mais inclusivo e igualitário. À medida que sua presença e influência continuam a crescer, a sociedade como um todo se beneficia, avançando em direção a um mundo mais justo e equitativo (MELO, 2018).

Portanto, ainda de acordo com o autor acima, a mulher empoderada emerge como um farol orientador nas transformações sociais do século XXI e à medida que desafia estereótipos, lidera com resiliência e defende a igualdade, a mulher contemporânea se torna uma força transformadora inegável. Seu impacto transcende fronteiras, inspirando mudanças em todos os aspectos da vida social, econômica e cultural.

No entanto, apesar dos avanços significativos, é crucial reconhecer os desafios persistentes que a representatividade feminina enfrenta, uma vez que a luta contra a

desigualdade salarial, a discriminação de gênero e outros obstáculos estruturais demanda esforços contínuos e colaborativos. O empoderamento feminino não é apenas uma busca por justiça social, mas uma estratégia essencial para o progresso global (RIBEIRO, 2016).

À medida que se olha para o futuro, é imperativo que continuemos a promover a representatividade da mulher em todos os setores da sociedade, sendo que isso não apenas fortalece a voz das mulheres, mas também enriquece a diversidade de pensamento, promovendo sociedades mais resilientes e dinâmicas. A igualdade de gênero não é apenas uma questão feminina; é um imperativo para o avanço coletivo da humanidade (TEIXEIRA, 2016).

Assim, ao celebrar as conquistas alcançadas até agora, devem permanecer comprometidas com a construção de um mundo onde todas as mulheres, independentemente de sua origem ou posição social, tenham a liberdade e a oportunidade de se tornarem agentes transformadoras. Em última análise, a representatividade da mulher empoderada não é apenas uma conquista para as mulheres, mas uma vitória para toda a sociedade, pavimentando o caminho para uma realidade mais justa, equitativa e verdadeiramente transformadora.

3.2.4 A relação dos Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia e Economia Solidária

Os Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia (ESCT) emergem como uma disciplina interdisciplinar que investiga as complexas interações entre ciência, tecnologia e sociedade. Essa abordagem crítica busca compreender não apenas os aspectos técnicos e científicos, mas também os impactos sociais, culturais e econômicos das inovações tecnológicas (FERNANDES; MACIEL, 2010).

Quando aplicados à Economia Solidária, os ESCT proporcionam uma lente analítica robusta para examinar como as relações entre ciência, tecnologia e sociedade se desdobram nesse contexto específico. A Economia Solidária, fundamentada em princípios de cooperação, autogestão e solidariedade, representa uma abordagem alternativa ao modelo econômico tradicional.

Nesse contexto, segundo Fernandes e Maciel (2010), os ESCT são cruciais para destrinchar as implicações das tecnologias adotadas nos empreendimentos solidários. Por meio de uma análise crítica, os estudiosos podem avaliar como as inovações tecnológicas

influenciam a organização interna desses empreendimentos, a distribuição de recursos, e o impacto nas comunidades locais.

Ainda de acordo com Fernandes e Maciel (2010), a compreensão dos ESCT se estende também para as relações sociais e de poder presentes na Economia Solidária, onde ao explorar como as tecnologias são introduzidas e utilizadas, os estudiosos podem examinar como essas práticas influenciam a participação democrática, o acesso a recursos e a capacidade dos membros para moldar coletivamente os destinos de seus empreendimentos. Isso destaca a importância de considerar não apenas o aspecto técnico das inovações, mas também como essas tecnologias moldam dinâmicas sociais, muitas vezes influenciando desigualdades de gênero, inclusão e representatividade.

Além disso, os ESCT oferecem uma perspectiva crítica sobre a própria produção de conhecimento científico e tecnológico nos empreendimentos de Economia Solidária. Assim, de acordo com os autores acima, a relação entre os Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia e a Economia Solidária oferece uma oportunidade única para uma compreensão mais rica e contextualizada das dinâmicas sociais e tecnológicas nos empreendimentos solidários. Essa abordagem crítica não apenas ilumina as interações complexas entre ciência, tecnologia e sociedade, mas também destaca como a aplicação desses princípios pode fortalecer a resiliência e a eficácia dos modelos econômicos baseados na solidariedade e na inclusão.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para a realização da pesquisa foi realizado um levantamento da literatura obtendo-se um total de 318 trabalhos acadêmicos científicos, publicados entre os anos de 2016 a 2022. Assim, o Quadro 1 traz numericamente este resultado geral.

Quadro 1 – Resultado do levantamento da literatura em bases de dados entre os anos de 2016 a 2022.

Bases de dados Termos Pesquisados	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	Portal de Periódicos da CAPES
“Mulheres” and “Economia Solidária”	43 resultados	258 resultados
“Mulheres” and “Formação em Economia Solidária”	Sem identificação	3 resultados
“Mulheres” and “Trajetória de vida” “Economia Solidária”	Sem identificação	14 resultados
“Mulheres” and “Percurso profissional” “Economia Solidária”	Sem identificação	Sem identificação
“Mulheres” and “Métodos de incubação de cooperativas”	Sem identificação	Sem identificação
TOTAL:	318 trabalhos publicados	

Fonte: Elaboração Própria, 2022

O Quadro 2 apresenta o resultado geral obtido nesta etapa, com o tipo de trabalho, título e ano de sua publicação.

Quadro 2 - Resultado geral das publicações pré-selecionadas na estratégia inicial

TIPO DE TRABALHO	TÍTULO	ANO DE PUBLICAÇÃO	AUTORES
Artigo científico	A criação de espaços sociais como forma de luta das mulheres artesãs de Alagoas: a experiência da Economia Solidária.	2018	MILANI, A.M.R; GRADE, M.
Artigo científico	Economia solidária: quais possibilidades de desenvolvimento?	2020	THIAGO ALMEIDA RAMOS, A. .; MENDES CORDEIRO ARAÚJO, Y.
Artigo científico	Economia solidária, uma alternativa geração de trabalho e renda em território semiárido: dificuldades e perspectivas	2016	RIBEIRO, K.Á
Artigo científico	Entre um Bom Papo e um Café se Vende o Artesanato: representações sociais em um centro de comercialização da economia solidária	2018	CEZAR, L. C. ; FANTINEL, L. D.
Artigo científico	Gênero, agroecologia e economia solidária: estudo de caso do grupo de mulheres do Acampamento Recanto da Natureza em Laranjeiras do Sul – PR	2016	FERNANDES, R. F. S.
Artigo científico	Impactos da participação de mulheres em iniciativas de Economia Solidária no Cariri Paraibano	2018	SILVA, R.A da; OLIVEIRA, V.M; CORREIA, S.É.N
Artigo científico	Joana D’Arc em luta pela dignidade: uma prática em desenvolvimento comunitário	2016	ACCORSSI, A; SILVA, C.M da
Artigo científico	MULHERAR: Vivências e Experiências Solidárias	2020	NASCIMENTO, E.M; AMORIM, R.L de; ABREU, T.L de; ROLIM, W.V

Artigo científico	Reflexões sobre o papel das mulheres na economia solidária	2020	CLEPS, G.D.G; MARQUES, L.A; VASCONCELOS, A.C.V.
Artigo científico	Trajetória de mulheres na associação Amor-Peixe do Pantanal/MS e os sentidos atribuídos à sua continuidade	2022	PITALUGA, C.M; BARROS, L.M.G; LE BOURLEGAT, C. A
Dissertação	A economia solidária na inclusão produtiva de mulheres do Programa Bolsa Família no Município de Canoas (RS):articulações políticas e efeitos na superação da pobreza	2016	OLIVEIRA, M. G.
Dissertação	As mulheres da Pracaçu: um olhar sobre gênero e Economia Solidária em Baixa das Carnaúbas, Caucaia – CE	2016	TEIXEIRA, G. C.
Dissertação	As trabalhadoras do banco comunitário de desenvolvimento nascente: reflexões sobre políticas públicas de economia solidária, incubação universitária e a autonomia das mulheres	2018	SCHWENCK, B.C.V. G
Dissertação	Economia solidária e desenvolvimento territorial sustentável: estudo da atuação das mulheres no empreendimento social da região metropolitana de Curitiba	2018	SOUZA, J.O.
Dissertação	Economia Solidária: ideologia no cotidiano do trabalho associado	2018	LEITÃO, A. C.
Dissertação	Entre mulheres, associações e economias no sul de Minas Gerais	2019	BOLDRIN, J.
Dissertação	Entrelaçando redes e tramas: a importância das práticas educativas na participação social e política das mulheres	2017	SANTOS, C. J
Dissertação	Marketing digital e redes sociais web: um estudo de caso na formação de mulheres empreendedoras da economia solidária no estado Piauí	2016	BRANDÃO, M.
Dissertação	Mulheres na economia solidária: como o design pode contribuir para o trabalho do “Grupo Arte e Vida”	2019	FRAINER, M.M

Dissertação	Mulheres na economia solidária: resistência cotidiana por uma nova cidadania	2017	FREIRE, A.P. V.
Dissertação	O Ateliê Mundo Novo e a formação profissional e cidadã de mulheres para o artesanato	2019	VIEIRA, B. S. C.
Dissertação	Mulheres negras na Economia Solidária: autonomia, identidade e resistência	2016	ALVARADO, P. A. R.
Dissertação	Por trás de cada pessoa existe uma história: lideranças, relações solidárias e reconhecimento como base para transformações psíquicas e sociais	2018	JONGH, C. A.
Dissertação	Resistência pela permanência no território: o caso da comunidade caiçara da enseada da baleia, Cananéia – SP	2019	DENARDIN, V. F.
Dissertação	Significados da solidariedade na Bodega Nordeste Vivo e Solidário, no Ceará	2017	PEREIRA, J. E. O.
Dissertação	Utilidade social em empreendimentos da Economia Solidária: o caso das mulheres do artesanato (Natal/RN)	2018	MELO, T. J. A.
Tese	A participação de mulheres na Economia Solidária como uma estratégia de enfrentamento às violências de gênero na região serrana de Santa Catarina	2021	PEREIRA, J. A.
Tese	Coletivo Cult arte: limites e possibilidades para autonomia e empoderamento de mulheres no antigo quilombo do Cabula	2018	SOUZA, H. P.
Tese	Economia Solidária e a Autonomia Feminina na Associação de Agricultores Familiares das Colônias Iapó, Santa Clara e Vizinhança	2017	ARAÚJO, A. L.
Tese	Economia Solidária e desenvolvimento humano: um estudo da sustentabilidade de empreendimentos econômicos solidários e das condições de vida de catadoras e catadores materiais recicláveis	2016	ZEELAN, A. J. W. M. V.
Tese	Educação em economia popular solidária: experiências pedagógicas que libertam?	2018	PIELKE, L. R. F.

Tese	Mulheres, economia solidária e a reinvenção de trajetórias	2017	MACHADO, M. I.
Tese	Práticas feministas de autogestão em empreendimentos formados por mulheres na Rede Economia Solidária e Feminista	2019	SOARES, M. N. M.
Tese	Tecendo redes a partir da articulação entre economia solidária, feminismo e agroecologia: novas perspectivas de desenvolvimento alternativo no semiárido potiguar	2016	PEREIRA, G. K. E.
TOTAL		34 trabalhos	

Fonte: Elaboração própria, 2022

Mediante a seleção destes 34 trabalhos, passou-se para a etapa de leitura integral, identificando-se, assim, o escopo da literatura pertinente aos objetivos e a estratégia metodológica, no total de 17 trabalhos acadêmicos. O Quadro 3, ilustra estas fontes selecionadas, trazendo a descrição de tais publicações.

Quadro 3 - Descrição das publicações selecionadas a partir do resultado geral ilustrado pelo Quadro 2

AUTORIA	TIPO DE TRABALHO	TÍTULO	ANO DE PUBLICAÇÃO
MILANI, A.M.R; GRADE, M.	Artigo científico	A criação de espaços sociais como forma de luta das mulheres artesãs de Alagoas: a experiência da Economia Solidária.	2018
RIBEIRO, K.Á	Artigo científico	Economia solidária, uma alternativa à geração de trabalho e renda em território semiárido: dificuldades e perspectivas	2016
SILVA, R.A da; OLIVEIRA, V.M; CORREIA, S.É.N	Artigo científico	Impactos da participação de mulheres em iniciativas de Economia Solidária no Cariri Paraibano	2018
ACCORSSI, A; SILVA, C.M da	Artigo científico	Joana D'Arc em luta pela dignidade: uma prática em desenvolvimento comunitário	2016
NASCIMENTO, E.M; AMORIM, R.L de;	Artigo científico	MULHERAR: Vivências e Experiências Solidárias	2020

ABREU, T.L de; ROLIM, W.V			
CLEPS, G.D.G; MARQUES, L.A; VASCONCELOS, A.C.V.	Artigo científico	Reflexões sobre o papel das mulheres na economia solidária	2020
PITALUGA, C.M; BARROS, L.M.G; LE BOURLEGAT, C. A	Artigo científico	Trajetória de mulheres na associação Amor-Peixe do Pantanal/MS e os sentidos atribuídos à sua continuidade	2022
TEIXEIRA, G. C	Dissertação	As mulheres da Pracaju: um olhar sobre gênero e Economia Solidária em Baixa das Carnaúbas, Caucaia – CE	2016
SCHWENCK, B.C.V. G	Dissertação	As trabalhadoras do banco comunitário de desenvolvimento nascente: reflexões sobre políticas públicas de economia solidária, incubação universitária e a autonomia das mulheres	2018
BOLDRIN, J.	Dissertação	Entre mulheres, associações e economias no sul de Minas Gerais	2019
SANTOS, C. J	Dissertação	Entrelaçando redes e tramas: a importância das práticas educativas na participação social e política das mulheres	2017
FRAINER, M.M	Dissertação	Mulheres na economia solidária: como o design pode contribuir para o trabalho do “Grupo Arte e Vida”	2019
FREIRE, A.P. V	Dissertação	Mulheres na economia solidária: resistência cotidiana por uma nova cidadania	2017
MELO, T.J. A	Dissertação	Utilidade social em empreendimentos da Economia Solidária: o caso das mulheres do artesanato (Natal/RN)	2018
SOUZA, H.P de	Tese	Coletivo Cult arte: limites e possibilidades para autonomia e empoderamento de mulheres no antigo quilombo do Cabula	2018
MACHADO, M. I	Tese	Mulheres, economia solidária e a reinvenção de trajetórias	2017

SOARES, M. de N.M	Tese	Práticas feministas de autogestão em empreendimentos formados por mulheres na Rede Economia Solidária e Feminista	2019
TOTAL:			17 trabalhos

Fonte: elaboração própria, 2022

Assim, oferecendo uma perspectiva prática, explorando o papel das mulheres empreendedoras em uma cooperativa específica, esses artigos, com suas abordagens teóricas e práticas, formam uma base sólida para a pesquisa, permitindo uma análise abrangente das complexas questões de gênero na economia solidária, onde o quadro abaixo ilustra estas fontes selecionadas, trazendo a descrição de tais publicações.

Logo, estes 17 trabalhos acadêmicos identificados se constituem como pilares teóricos, sustentando o propósito da pesquisa, onde a escolha dos textos e fontes de pesquisa para investigar o tema foi motivada por vários fatores cruciais, onde a pesquisa se concentra em um tópico de alta relevância social e acadêmica, dada a crescente importância da economia solidária como um modelo econômico alternativo e a necessidade de abordar as desigualdades de gênero em várias esferas da sociedade. Portanto, a seleção de textos se baseou em sua capacidade de fornecer insights abrangentes e atualizados sobre a interseção entre gênero e economia solidária.

Além disso, os textos escolhidos mostrados no Quadro 3, foram direcionados para oferecer uma visão diversificada e multidisciplinar do tema, abrangendo perspectivas de economia, sociologia, estudos de gênero e práticas de campo. A inclusão de uma variedade de fontes, como artigos acadêmicos, relatórios de organizações não governamentais e estudos de caso, permite uma compreensão mais abrangente das complexas dinâmicas envolvidas nas desigualdades de gênero na economia solidária.

Assim, a seleção dos textos citados no Quadro 3, também se baseou na qualidade das fontes, assegurando que a pesquisa fosse fundamentada em evidências sólidas e informações confiáveis, de modo a contribuir para um estudo rigoroso e significativo sobre o tema. Dessa forma, a escolha das fontes de pesquisa foi guiada pelo compromisso de explorar, de forma abrangente e aprofundada, a relevante questão das desigualdades de gênero na economia solidária e contribuir para a promoção da igualdade de gênero e do desenvolvimento sustentável.

Os artigos do Quadro 3, exploram as oportunidades que a economia solidária oferece às mulheres, destacando áreas nas quais sua participação pode ser expandida e

seu impacto potencial na promoção da igualdade de gênero e do desenvolvimento sustentável e ainda abordam a importância das políticas públicas e iniciativas da sociedade civil na promoção da igualdade de gênero na economia solidária. Eles fornecem informações sobre boas práticas e estratégias eficazes que podem ser adotadas para superar as desigualdades de gênero e capacitar as mulheres, demonstrando sua importância como participante ativa dos movimentos e ações.

Além disso, os artigos descritos no Quadro 3, destacam a contextualização desde o início da introdução da mulher no mundo da economia, juntamente com a Economia Solidária, lideradas por mulheres, que servem como exemplos inspiradores de como a inclusão efetiva das mulheres nesse setor pode resultar em benefícios econômicos, sociais e ambientais. Juntos, esses artigos fornecem uma base sólida para a pesquisa que visa compreender e abordar as complexas questões de gênero na economia solidária e promover a igualdade de gênero e a sustentabilidade.

Assim, as discussões e resultados relacionados à participação das mulheres na economia solidária são de extrema relevância em um contexto global em que a igualdade de gênero e a justiça social são pautas essenciais, uma vez que a economia solidária representa um modelo alternativo que se baseia em princípios de cooperação, solidariedade e autogestão, em contraposição ao modelo econômico tradicional centrado na competição e no lucro a qualquer custo. A participação das mulheres nesse cenário tem gerado importantes discussões e resultados que impactam positivamente diversos aspectos da sociedade (SOUZA, 2018).

Em primeiro lugar, de acordo com Frainer (2019), é de importância destacar a importância da introdução no mercado de trabalho na economia, de modo a acrescentar seus conhecimentos por meio da figura feminina, onde a entrada da mulher no mercado de trabalho representa um marco significativo na evolução social e econômica. Ao longo das últimas décadas, testemunhamos uma mudança notável nas atitudes e oportunidades para as mulheres no ambiente profissional. Essa transformação não apenas reflete a busca pela igualdade de gênero, mas também traz benefícios substanciais para a sociedade como um todo.

Entretanto, segundo Ribeiro (2016), é importante destacar que infelizmente as mulheres ainda enfrentam barreiras significativas, desde a discriminação salarial até a sub-representação em cargos de liderança. No entanto, à medida que as mentalidades evoluíram e as políticas de igualdade de gênero foram implementadas, observamos uma maior participação feminina em diversos setores. Essa diversificação contribui para um

ambiente de trabalho mais enriquecedor, trazendo perspectivas únicas, habilidades variadas e abordagens inovadoras.

Diante do exposto, Milani e Grade (2018), relata que a entrada massiva das mulheres no mercado de trabalho não apenas fortalece a economia, mas também desafia estereótipos de gênero prejudiciais. A presença ativa das mulheres em profissões anteriormente dominadas por homens destaca a capacidade e competência independentemente do gênero, cujo processo de mudança cultural é essencial para construir uma sociedade mais justa e igualitária, colaborando com o trabalho de Ribeiro (2016), que também cita desafios e dificuldades a serem superadas.

Logo, a entrada da mulher no mercado de trabalho é um fenômeno transformador que molda a sociedade e impulsiona o progresso. Celebrar e apoiar a diversidade de talentos, reconhecendo e enfrentando desafios persistentes, são passos essenciais para garantir um futuro onde homens e mulheres possam contribuir plenamente para o desenvolvimento social e econômico.

Assim, após essa entrada feminina no mundo da economia e a partir das análises realizadas é de extrema relevância e fundamental destacar o papel da economia solidária na promoção da igualdade de gênero. Historicamente, as mulheres enfrentaram desigualdades no mercado de trabalho, incluindo disparidades salariais e barreiras de acesso a posições de liderança.

Por sua vez Cleps, Marques e Vasconcelos (2020), ressaltam que os empreendimentos solidários oferecem uma alternativa a esse paradigma, criando espaços onde as mulheres podem desempenhar papéis ativos, exercer suas capacidades e contribuir igualmente para o sucesso do empreendimento. Essa participação não apenas fortalece a autonomia econômica das mulheres, mas também demonstra a viabilidade de um modelo econômico mais igualitário.

Além disso, as discussões sobre o papel das mulheres na economia solidária se estendem ao contexto da governança democrática, onde a autogestão e a tomada de decisões coletivas são elementos-chave desse modelo econômico, pois as mulheres desempenham papéis ativos nesses processos, contribuindo para a construção de empreendimentos mais democráticos e inclusivos. Essa abordagem democrática não apenas promove a igualdade de gênero no ambiente de trabalho, mas também valoriza as perspectivas e vozes das mulheres na definição de políticas e práticas.

Diante das análises das revisões bibliográficas, Schwenck (2018), observa que a economia solidária também se destaca por seu compromisso com práticas econômicas

sustentáveis e socialmente responsáveis, pois muitas mulheres estão envolvidas em setores relacionados à agricultura orgânica, artesanato sustentável, comércio justo e outras atividades que priorizam a justiça social e a responsabilidade ambiental. Esse enfoque contribui para a conscientização sobre questões de sustentabilidade e para a promoção de práticas econômicas mais éticas.

Além disso, Souza (2018), a participação das mulheres na economia solidária não se limita apenas a questões econômicas, tendo um impacto social profundo, onde as mulheres que integram empreendimentos solidários frequentemente se tornam agentes de mudança em suas comunidades, inspirando outros a buscar oportunidades econômicas e a lutar por igualdade de gênero. Essa influência social se estende a questões mais amplas, como o empoderamento das mulheres, a conscientização sobre questões de gênero e a construção de uma sociedade mais justa.

No entanto, embora os resultados positivos sejam evidentes, também é importante reconhecer os desafios enfrentados pelas mulheres em sua introdução ao mercado de trabalho até chegar à economia solidária. A falta de recursos, o acesso limitado a financiamento e a necessidade de equilibrar responsabilidades familiares ainda representam obstáculos e superar esses desafios requer políticas públicas que apoiem o desenvolvimento da economia solidária e a igualdade de gênero como defende Souza (2018).

Além dos aspectos discutidos anteriormente, a participação ativa das mulheres na economia solidária gera uma série de resultados significativos que promovem a construção de sociedades mais justas e inclusivas. A economia solidária, com seus princípios de cooperação, solidariedade e autogestão, contribui para um cenário econômico em que as mulheres desempenham papéis fundamentais, onde de acordo com Cleps, Marques e Vasconcelos (2020) incluem resultados como:

1. Empoderamento econômico: A participação das mulheres nos empreendimentos solidários proporciona a elas a oportunidade de se tornarem empreendedoras, líderes e gestoras de seus próprios negócios. Isso aumenta sua autonomia financeira e reduz sua dependência de empregos com remunerações desiguais ou precários.

2. Redução da pobreza: Os empreendimentos solidários muitas vezes operam com um compromisso explícito de distribuição justa de recursos e renda entre seus membros. Isso não apenas beneficia as mulheres diretamente envolvidas, mas também suas famílias e comunidades, contribuindo para a redução da pobreza.

3. Desenvolvimento local: A economia solidária frequentemente se concentra em comunidades locais, estimulando o desenvolvimento econômico em áreas que podem estar economicamente desfavorecidas. Isso não só cria oportunidades de emprego, mas também fortalece o tecido social e econômico das regiões locais.

4. Conscientização de gênero: A participação das mulheres na economia solidária proporciona um ambiente propício para a conscientização de questões de gênero, incluindo a promoção da igualdade salarial, o respeito pelos direitos reprodutivos e a eliminação da violência de gênero. Essas discussões e práticas sensibilizam não apenas as mulheres envolvidas, mas também os membros da comunidade, contribuindo para a construção de uma cultura de igualdade e respeito.

5. Sustentabilidade: Muitos empreendimentos solidários têm um forte compromisso com práticas econômicas e de produção sustentáveis, que respeitam tanto o meio ambiente quanto as comunidades. As mulheres frequentemente lideram iniciativas relacionadas à agricultura orgânica, ao artesanato sustentável e ao comércio justo, promovendo a responsabilidade ambiental e social.

6. Liderança feminina: A economia solidária permite que as mulheres ocupem posições de liderança e influência, tanto em nível de empreendimento quanto em organizações que promovem esse modelo econômico. Isso cria oportunidades para que as mulheres se tornem modelos e defensoras da igualdade de gênero, inspirando outras a seguir seus passos e a desafiar estereótipos de gênero.

Assim, diante das análises pode-se considerar que as mulheres que se envolvem nesse modelo econômico desempenham um papel crucial na transformação da sociedade em direção a um mundo mais justo, equitativo e solidário. Reconhecer e apoiar a participação das mulheres na economia solidária é essencial para a construção de um futuro mais brilhante e inclusivo.

Logo, esses resultados reforçam que a participação das mulheres na economia solidária vai além do âmbito econômico e tem um impacto significativo em diversos aspectos sociais e comunitários. Ela contribui para a construção de sociedades mais justas, inclusivas e sustentáveis, onde as mulheres desempenham papéis centrais na busca por igualdade de gênero e justiça social, onde reconhecer e apoiar essa participação é fundamental para o progresso de comunidades e sociedades como um todo.

Portanto, a participação das mulheres na economia solidária é um catalisador para a construção de sociedades mais justas e inclusivas, onde os resultados dessa participação são diversos e impactam positivamente tanto as mulheres quanto suas comunidades, cuja

afirmação se ressalta na obra de Teixeira (2016). Elas experimentam um empoderamento econômico que reduz a dependência de empregos precários, contribuem para a redução da pobreza e estimulam o desenvolvimento local.

Além disso, a participação das mulheres na economia solidária promove a conscientização sobre questões de gênero, desafia estereótipos prejudiciais e inspira outras a seguir seus passos, dando ênfase na sustentabilidade e na responsabilidade social. A liderança feminina nas cooperativas e associações impulsiona a igualdade de gênero e a construção de empreendimentos mais democráticos.

Reconhecer e apoiar ativamente a participação das mulheres na economia solidária é essencial para a construção de um mundo mais equitativo, onde a igualdade de gênero, a justiça social e a sustentabilidade são não apenas objetivos, mas realidades concretas. A participação ativa das mulheres é uma força transformadora que impacta positivamente todos os aspectos da sociedade, fortalecendo o tecido social e econômico e promovendo uma cultura de igualdade e respeito.

Diante do contexto analisado, Schwenck (2018), relata que a representatividade crescente da mulher empoderada moldou significativamente a paisagem social, desencadeando uma série de resultados positivos que reverberam além dos limites individuais para tocar nas estruturas mais profundas da sociedade. No entanto, ao mesmo tempo em que celebramos esses avanços, é imperativo reconhecer e abordar os desafios persistentes que continuam a desafiar o pleno alcance desse empoderamento.

A desconstrução de estereótipos de gênero tem sido um dos resultados mais notáveis da representatividade da mulher empoderada, onde a mulher contemporânea não é mais restrita a papéis predefinidos, desafiando as expectativas tradicionais e redefinindo o que significa ser uma mulher na sociedade. Esse processo de desconstrução não apenas libera as mulheres individualmente, mas também influencia a percepção cultural e promove uma compreensão mais inclusiva das identidades de gênero.

Além disso, Freire (2017), pontua que a presença da mulher empoderada em posições de liderança tem demonstrado ter impactos transformadores, sendo que a abordagem colaborativa, a empatia e a resiliência que muitas dessas líderes incorporam repercutem não apenas em seus ambientes de trabalho, mas na sociedade como um todo. Empresas e organizações lideradas por mulheres frequentemente adotam políticas mais equitativas, promovem diversidade e demonstram uma responsabilidade social mais acentuada.

Logo, a participação ativa da mulher empoderada em movimentos sociais e ativismos tem sido um motor significativo de mudanças sociais, onde a luta contra a discriminação de gênero, a violência contra mulheres e a busca por igualdade de direitos ganharam força considerável com o engajamento vigoroso dessas mulheres. Assim, a busca pela igualdade de gênero não se limita a um propósito em si, mas emerge como uma alavanca essencial para avançar em áreas cruciais, como erradicação da pobreza, melhoria da saúde materna e infantil, e construção de sociedades mais equitativas.

No entanto, apesar dos avanços positivos, Souza (2018), afirma que desafios persistentes continuam a obscurecer o cenário da representatividade feminina e questões como desigualdade salarial, a falta de acesso igualitário a oportunidades e a resistência a mudanças estruturais persistem como barreiras significativas, exigindo atenção contínua. Logo, a criação de ambientes inclusivos e a implementação de políticas que fomentem a igualdade de gênero mantêm-se como uma prioridade premente diante dos desafios que ainda se apresentam.

Portanto, os resultados da representatividade da mulher empoderada são vastos e impactantes, transcendendo as fronteiras individuais para influenciar a sociedade como um todo. No entanto, para garantir que esses resultados perdurem e evoluam, é essencial continuar a desafiar as normas, confrontar desigualdades persistentes e promover uma cultura que valorize e apoie o empoderamento feminino em todas as suas formas e o caminho para uma sociedade mais justa e equitativa requer não apenas a celebração dos sucessos alcançados, mas um compromisso coletivo contínuo com a promoção da igualdade de gênero em todos os aspectos da vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas considerações finais deste amplo tema que aborda a participação das mulheres na economia solidária, é fundamental reforçar a importância dessa contribuição em vários níveis, desde o econômico até o social e ambiental. A economia solidária, que se baseia em valores de cooperação, solidariedade e justiça, oferece um terreno fértil para a inclusão ativa das mulheres, desafiando as desigualdades de gênero e promovendo uma sociedade mais equitativa.

O impacto positivo da participação das mulheres na economia solidária é notável. Elas encontram espaço para desenvolver suas habilidades, liderar empreendimentos, influenciar decisões e, ao fazerem isso, alcançam uma maior autonomia econômica. Essa autonomia não beneficia apenas as mulheres individualmente, mas também suas famílias e comunidades, contribuindo para a redução da pobreza e o desenvolvimento local.

Além disso, a participação ativa das mulheres na economia solidária promove a conscientização de questões de gênero, desafiando estereótipos prejudiciais e promovendo a igualdade. Esse processo de conscientização não se limita ao ambiente de trabalho, mas também influencia a cultura da comunidade em geral, inspirando outros a se envolverem na luta por igualdade de gênero.

A economia solidária é um modelo econômico que valoriza a sustentabilidade, com muitas mulheres liderando iniciativas relacionadas à agricultura orgânica, ao artesanato sustentável e ao comércio justo. Essa ênfase na responsabilidade social e ambiental contribui para a construção de práticas econômicas mais éticas e ecológicas, alinhando-se aos desafios globais de sustentabilidade.

Além disso, a liderança das mulheres nos empreendimentos solidários cria um ciclo virtuoso em que outras mulheres são inspiradas a seguir seus passos, desafiando barreiras de gênero e ampliando o alcance da igualdade de gênero. A construção de uma cultura de igualdade e respeito beneficia não apenas as mulheres, mas toda a sociedade.

No entanto, é fundamental reconhecer que ainda existem desafios a serem superados. A falta de recursos, o acesso limitado ao financiamento e a necessidade de equilibrar responsabilidades familiares continuam a serem obstáculos significativos. Políticas públicas que apoiem o desenvolvimento da economia solidária e a igualdade de gênero são essenciais para enfrentar esses desafios.

Em resumo, a participação das mulheres na economia solidária é um caminho promissor para a construção de sociedades mais justas e inclusivas. As considerações

finais deste tema apontam para a necessidade de valorizar, apoiar e incentivar ativamente a participação das mulheres nesse modelo econômico. Somente através desse reconhecimento e apoio contínuo podemos avançar em direção a um mundo mais equitativo, onde a igualdade de gênero, a justiça social e a sustentabilidade são pilares fundamentais de nossa sociedade.

Nas considerações finais deste amplo tema que aborda a participação das mulheres na economia solidária, é crucial enfatizar que a inclusão ativa das mulheres não é apenas uma questão de justiça social, mas uma estratégia para o fortalecimento da economia e da sociedade como um todo. A economia solidária, com seus princípios cooperativos e sua ênfase na responsabilidade social e ambiental, é um modelo que reflete uma visão mais inclusiva e sustentável de desenvolvimento.

A abordagem do papel das mulheres na construção de sociedades mais justas e inclusivas, especialmente no contexto da economia solidária, destaca a importância de reconhecer e valorizar as contribuições femininas para o desenvolvimento social e econômico. À medida que as mulheres participam ativamente em iniciativas solidárias, elas não apenas fortalecem as comunidades, mas também desempenham um papel crucial na promoção da equidade de gênero e na criação de estruturas mais igualitárias.

As mulheres, ao liderar ou participar ativamente de empreendimentos econômicos solidários, trazem uma perspectiva única, centrada na colaboração, na sustentabilidade e na preocupação com o bem-estar coletivo. Isso não apenas impulsiona a resiliência das comunidades, mas também desafia as normas tradicionais, destacando a necessidade de reconhecimento e apoio institucional para essas iniciativas.

Para alcançar sociedades mais justas e inclusivas, é importante continuar promovendo oportunidades para o envolvimento das mulheres na economia solidária, removendo barreiras e incentivando políticas que reconheçam e valorizem seu papel. Essa abordagem não apenas beneficia as mulheres individualmente, mas contribui para a construção de comunidades mais sustentáveis, solidárias e equitativas.

As mulheres que se envolvem ativamente na economia solidária desempenham papéis essenciais na promoção da igualdade de gênero, no empoderamento econômico e na construção de um ambiente de trabalho mais democrático e igualitário. Elas são agentes de mudança em suas comunidades, inspirando outros a desafiar preconceitos de gênero e a buscar oportunidades econômicas.

No entanto, é imperativo reconhecer que ainda existem desafios significativos a serem superados, onde as desigualdades econômicas e sociais persistem, e a participação

das mulheres na economia solidária, embora promissora, não é uma panaceia. É necessária uma abordagem holística que envolva políticas públicas, investimentos em capacitação e formação, acesso igualitário a recursos e financiamento, e a criação de um ambiente propício para o desenvolvimento da economia solidária.

Assim, a participação das mulheres na economia solidária é uma força transformadora que contribui para a construção de sociedades mais justas, inclusivas e sustentáveis, refletindo a busca por um mundo em que a igualdade de gênero, a justiça social e a responsabilidade ambiental sejam valores centrais. Reconhecer e apoiar ativamente a participação das mulheres nesse modelo econômico é um passo fundamental na direção da construção de um futuro mais brilhante e equitativo para todos.

À medida que mergulhamos nas complexidades da representatividade da mulher empoderada, fica claro que estamos diante de um capítulo crucial na evolução social e cultural da humanidade. Os resultados positivos são evidentes e promissores, mas as considerações finais nos convocam a uma reflexão aprofundada sobre os desafios remanescentes e os caminhos que se descortinam para o futuro.

Celebramos a desconstrução de estereótipos de gênero, testemunhando uma redefinição corajosa dos papéis das mulheres na sociedade, onde a mulher empoderada não é mais definida por limitações preconcebidas, mas por sua capacidade ilimitada de influenciar, liderar e inspirar. Esta reconfiguração de narrativas não é apenas um triunfo individual, mas um legado transformador para as gerações futuras.

A presença cada vez mais significativa de mulheres em posições de liderança é uma luz orientadora, sendo que a liderança feminina não é apenas sinônimo de competência, mas traz consigo uma abordagem única, marcada pela empatia e pela colaboração. Essas líderes não apenas quebram barreiras, mas também moldam organizações e sociedades mais inclusivas, sustentáveis e inovadoras.

A participação ativa da mulher em movimentos sociais destaca a força motriz dessas vozes na busca por justiça e igualdade e o engajamento corajoso em questões como discriminação de gênero e violência doméstica não apenas desafia as normas estabelecidas, mas sinaliza a necessidade urgente de uma transformação cultural profunda. As histórias compartilhadas e as vozes elevadas são agentes de mudanças sociais significativas.

O reconhecimento da importância do empoderamento feminino para o desenvolvimento sustentável oferece uma visão estratégica para um futuro mais equitativo. Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU destacam a

igualdade de gênero como uma pedra angular para alcançar metas mais amplas. Isso não apenas valida a necessidade de inclusão feminina, mas também destaca como a prosperidade global está inextricavelmente ligada ao empoderamento das mulheres.

No entanto, enquanto celebramos esses sucessos, é imperativo enfrentar as sombras persistentes que desafiam a plenitude da representatividade feminina. A disparidade salarial, a resistência a mudanças estruturais e a falta de acesso igualitário a oportunidades continuam a ser desafios cruciais que demandam nossa atenção imediata e ação coletiva.

Entretanto, a abordagem científica sobre a participação da mulher na economia solidária significou enfrentar algumas limitações inerentes à complexidade do tema e às nuances sociais envolvidas. Assim, uma das principais limitações reside na diversidade das experiências femininas na economia solidária, uma vez que mulheres de diferentes contextos culturais, socioeconômicos e geográficos podem vivenciar realidades distintas.

Isso implica em desafios na generalização de conclusões e na necessidade de considerar as especificidades de cada comunidade ou grupo, onde além disso, a disponibilidade limitada de dados detalhados e pesquisas específicas sobre a participação feminina em empreendimentos solidários pode dificultar a construção de uma base sólida de evidências. A escassez de estudos aprofundados pode limitar a compreensão completa dos fatores que influenciam a participação das mulheres na economia solidária e a avaliação de seus impactos a longo prazo.

Ademais, as limitações podem também estar relacionadas aos desafios metodológicos enfrentados ao abordar questões sensíveis de gênero, uma vez que a coleta de dados sobre a participação das mulheres pode ser influenciada por preconceitos, subnotificação ou pela falta de reconhecimento das contribuições femininas. Além disso, as dinâmicas de poder presentes nos contextos de economia solidária podem influenciar as percepções e a representação das mulheres, exigindo uma abordagem cuidadosa na interpretação dos resultados.

Portanto, a pesquisa sobre a participação da mulher na economia solidária deve ser conduzida de maneira sensível, levando em consideração a diversidade de experiências e reconhecendo as limitações inerentes à complexidade do tema. Entretanto, as considerações finais nos conclamam a olhar para o futuro com uma mistura de otimismo e compromisso, onde a jornada em direção a uma sociedade mais justa e igualitária é contínua, e é essencial mantermos o ímpeto conquistado até agora. Devemos

continuar desafiando normas prejudiciais, apoiando políticas inclusivas e promovendo uma cultura que valorize e respeite o potencial de todas as mulheres.

Em última análise, as considerações finais são um convite à ações futuras, uma vez que cada um de nós desempenha um papel vital na construção de um futuro onde a representatividade da mulher empoderada não seja apenas uma conquista excepcional, mas a norma. Ao abraçarmos a diversidade, apoiarmos o empoderamento e nos comprometermos com a igualdade de gênero, estamos pavimentando o caminho para um mundo mais justo, inclusivo e verdadeiramente transformador e que este seja o legado duradouro que deixado para as gerações vindouras.

REFERÊNCIAS

ACCORSSI, A; SILVA, C.M da, **Joana D’Arc em luta pela dignidade: uma prática em desenvolvimento comunitário**. Ponta Grossa, 2016.

ARAÚJO, L. **Conhecer e aprender como networking**. *Aprendizagem de Gestão*. v.29, n.3, p.317- 336, 1998.

ARRUDA, M. **Tornar real o possível: a formação do ser humano integral, economia solidária, desenvolvimento e o futuro do trabalho**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

AZEVEDO, S. R. S. et al. Mulheres na construção de ações empreendedoras na zona rural de João Pessoa desenvolvida na Região do Baixo Gramame, João Pessoa, Paraíba. In: **FAZENDO GÊNERO: CORPO, VIOLÊNCIA E PODER**, 8, 2008, Florianópolis. Anais [...]. Florianópolis, 2008.

CLEPS, G.D.G; MARQUES, L.A; VASCONCELOS, A.C.V. **Reflexões sobre o papel das mulheres na economia solidária**. Dissertação de Doutorado em Geografia apresentada a Universidade Federal de Uberlândia, MG, 2020.

COSTA, P. de A., & CARRION, R. da S. M. (2011). Situando a Economia Solidária no Campo dos Estudos Organizacionais. *Otra Economía*, 3(4), 66-81.

CULTI, M. N. **Mulheres na Economia Solidária: Desafios sociais e políticos**. Anais do Congresso Europeu CEISAL de Latino-americanistas, Bratislava, Eslováquia, 4, 2004.

FERNANDES, R. M. C.; MACIEL, A. L. S. (Org.). **Tecnologias sociais: experiências e contribuições para o desenvolvimento social e sustentável**. Porto Alegre: Editora Fijo, 2010.

FRAINER, M.M. **Mulheres na economia solidária: como o design pode contribuir para o trabalho do “Grupo Arte e Vida”**. Dissertação de Sociologia apresentada para Universidade Federal de Grande Dourados, Dourados, MS, 2019.

FRASER, N. **Redistribuição, Reconhecimento e Participação: Por uma Concepção Integrada da Justiça**. In: SARMENTO, Daniel; IKAWA, Daniela; PIOVESAN, Flávia (Coords.). *Igualdade, Diferença e Direitos humanos*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2002.

FREIRE, A.P. V. **Mulheres na economia solidária: resistência cotidiana por uma nova cidadania**, Dissertação de Mestrado em Mudança Social e Participação Política para a Universidade de São Paulo. São Paulo SP, 2017.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

_____. **Conscientização: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

GAIGER, L. I. G. **A economia solidária no Brasil: uma análise dos dados nacionais**. São Leopoldo: Oikos, 2014.

GUÉRIN, I. **As Mulheres e a Economia Solidária**. Edições Loyola, São Paul. Brasil, 2005.

GUERRA, A. C.; TOLEDO, D. A. C. **Economia solidária e relações de gênero: analisando uma nova relação de trabalho**. In: EnANPAD, 34., 2010. Anais [...]. Rio de Janeiro, 2010.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2015 / IBGE**, Coordenação de População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro: IBGE, 2015. 137p. Disponível em: < <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv95011.pdf>> Acesso 10 de novembro de 2023.

LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre experiência/ Jorge Larrosa**; tradução: Cristina Antunes, João Wanderley Gerald – 1. Ed; 1. reimp - . Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

LAVILLE, J. L. **Trabalho e socioeconomia**, In. Cattani (Org.). Trabalho: horizonte 2021, Porto Alegre: Escritos Editora, 2014.

MACHADO, M. I. **Mulheres, economia solidária e a reinvenção de trajetórias**, Dissertação de Doutorado em Sociologia apresentada a Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

MELO, T.J. A. **Utilidade social em empreendimentos da Economia Solidária: o caso das mulheres do artesanato (Natal/RN)**. Dissertação em Administração apresentada a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2018.

MILANI, A.M.R; GRADE, M. **A criação de espaços sociais como forma de luta das mulheres artesãs de Alagoas: a experiência da Economia Solidária**. Editora Geosul, Florianópolis, SC, 2018.

NASCIMENTO, E.M; AMORIM, R.L de; ABREU, T.L de; ROLIM, W.V. **MULHERAR: Vivências e Experiências Solidárias**. Revista Gestão e Organizações, 2022.

OLIVEIRA, J. P. de. **Mulheres na economia solidária: possibilidade de reconhecimento e emancipação social**. *Sociedade e Cultura*. Goiânia: UFG, v.11, n. 2, p.325-332, 2008.

PEIXOTO, S. L. F., RAMOS, J. P., & PESSOA, C. **Economia Solidária e Feminista: Reflexões em torno da autonomia econômica das mulheres**. Anais do Encontro Internacional Trabalho e Formação de Trabalhadores, Fortaleza, CE, 2, 2008.

PITALUGA, C.M; BARROS, L.M.G; LE BOURLEGAT, C. A. **Trajetória de mulheres na associação Amor-Peixe do Pantanal/MS e os sentidos atribuídos à sua continuidade.** 2022.

RAMOS, A. T. A. **Mulheres na Economia Solidária: Uma alternativa de Inserção Social ao Mercado de Trabalho.** Anais do Congresso Lus Afro-Brasileiro de Ciências Sociais - Diversidades e (Des)Igualdades, Salvador - BA, 11, 2011.

RIBEIRO, K.Á. **Economia solidária, uma alternativa à geração de trabalho e renda em território semiárido: dificuldades e perspectivas.** Florianópolis, SC, 2016.

SCHWENCK, B.C.V. G. **As trabalhadoras do banco comunitário de desenvolvimento nascente: reflexões sobre políticas públicas de economia solidária, incubação universitária e a autonomia das mulheres.** Dissertação de Mestrado em Sociologia apresentada para a Universidade de São Carlos, São Carlos SP, 2018.

SILVA, R.A da; OLIVEIRA, V.M; CORREIA, S.É.N. **Impactos da participação de mulheres em iniciativas de Economia Solidária no Cariri Paraibano,** Joaçaba, 2018.

SINGER, P. **Introdução à economia solidária.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

SOARES, M. de N.M. **Práticas feministas de autogestão em empreendimentos formados por mulheres na Rede Economia Solidária e Feminista.** Dissertação de Doutorado em Administração e Controladoria apresentada a Universidade Federal do Ceará, Fortaleza CE, 2019.

SOUZA, H.P. **Coletivo Cult arte: limites e possibilidades para autonomia e empoderamento de mulheres no antigo quilombo do Cabula.** Dissertação de Administração apresentada a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2018.

TEIXEIRA, G. C. **As mulheres da Pracaçu: um olhar sobre gênero e Economia Solidária em Baixa das Carnaúbas,** Caucaia – CE, 2016.

VENTURI, G.; GODINHO, T. **Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado: uma década de mudanças na opinião pública.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo: Edições SESC SP, 2013.